

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**APAGAMENTO DA VIBRANTE PÓS-VOCÁLICA
EM PORTO ALEGRE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras.

HILAINE GREGIS

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria Stahl Zilles
Co-orientador: Prof. Dr. Gregory Guy

Porto Alegre, maio de 2001.

Dedico este trabalho ao Antônio, pelo carinho e incentivo.

Agradecimentos

Quero agradecer, antes de tudo, aos meus dois excelentes orientadores, que me acompanharam durante todo o desenvolvimento deste trabalho, Ana Zilles e Gregory Guy. À Ana, por ter sido, durante o curso de Mestrado, uma grande professora e orientadora, cujos ensinamentos sempre me servirão de estímulo para o aperfeiçoamento profissional, e cuja competência e dedicação à pesquisa e à docência tenho procurado tomar como exemplo; ao Greg, pelo acompanhamento inteligente e pela atenção constante, bem como pela oportunidade de ter trabalhado ao seu lado no projeto *Universais de Variação Sociolingüística*, experiência que estimulou ainda mais o meu interesse pelos estudos variacionistas e que me possibilitou aprender um pouco mais com esse brilhante lingüista.

Não poderia deixar de agradecer a dois professores que muito contribuíram para o meu aprimoramento profissional: Clarice Bohn Knies, por ter me convidado, no início da década de 90, para atuar como bolsista de iniciação científica no Projeto VARSUL, no qual iniciei minha atividade de pesquisa em estudos sociolingüísticos, e Cléo Altenhoffen, por ter me transmitido importantes ensinamentos teóricos e práticos.

Especiais agradecimentos ao Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela oportunidade de ter realizado o curso de Mestrado, e à CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal do Ensino Superior – , pela bolsa concedida.

Por fim, agradecimentos muito especiais a três pessoas: à minha irmã e à minha mãe, não apenas por sempre terem incentivado meus estudos, mas pelo carinho e amizade inigualáveis, e ao meu marido, Antônio, pelas opiniões valiosas e também pelo auxílio e compreensão em todas as horas.

RESUMO

O comportamento variável da vibrante no português tem sido alvo de pesquisas de vários lingüistas em todo o Brasil nas últimas décadas. Como contribuição para o panorama desses estudos, buscou-se, nesta dissertação, investigar a realização e queda da vibrante em posição pós-vocálica no português falado em Porto Alegre, a partir de amostras de fala de entrevistas extraídas do Projeto *Variação Lingüística Urbana na Região Sul - VARSUL*. A pesquisa, feita sob uma perspectiva variacionista laboviana, conta com um *corpus* de vinte e quatro informantes. São investigadas variáveis lingüísticas e extralingüísticas envolvidas no fenômeno em estudo, destacando-se especialmente a influência dos fatores sociais, que parecem demonstrar ser o apagamento do *r* um caso de mudança em andamento na comunidade. Por sua vez, a variável *classe morfológica* indica que o apagamento do *r* em interior e em final de palavra são fenômenos distintos, tendo, no primeiro caso, uma motivação fonológica e, no segundo, uma motivação morfológica ou lexical.

Abstract

The variable behavior of the Portuguese vibrant has been studied by several linguists all over Brazil in the last decades. To contribute to the survey of these studies, we have attempted to investigate, in this dissertation, the realization and deletion of the vibrant in syllable final position in the spoken Portuguese of Porto Alegre city, from samples of oral interviews of the “*Variação Lingüística Urbana na Região Sul – VARSUL*” project. The research has a corpus of twenty-four informants and has been done by a Labovian Variationist perspective. The linguistic and extralinguistic factors have been investigated in this study which are emphasized by influence of the social factors which probably show that the deletion of *r* is a changing case happening in that community. In this way, the morphological class indicates that the deletion of *r* in the final or internal position are different phenomena, and it has, in the first case, a morphological motivation and, in the second case, a lexical or morphological motivation.

SUMÁRIO

| | |
|--------------------------------------------------------------------------------|----|
| Introdução..... | 5 |
| 1. Revisão bibliográfica..... | 11 |
| 2. Metodologia..... | 35 |
| 2.1 Amostra e coleta de dados..... | 35 |
| 2.2 Dados histórico-geográficos da região estudada..... | 37 |
| 2.3 As variáveis sociais..... | 37 |
| 2.3.1 Sexo..... | 38 |
| 2.3.2 Idade..... | 41 |
| 2.3.3 Escolaridade..... | 42 |
| 2.3.4 Classe social..... | 43 |
| 2.4 As variáveis lingüísticas..... | 48 |
| 2.4.1 Tipo de <i>r</i> | 49 |
| 2.4.2 Contexto precedente..... | 50 |
| 2.4.3 Contexto seguinte..... | 50 |
| 2.4.4 Categoria morfológica..... | 52 |
| 2.4.5 Tonicidade e extensão do vocábulo..... | 52 |
| 2.4.6 Posição morfológica..... | 53 |
| 2.5 Método de análise para estudo da vibrante..... | 54 |
| 3 Apresentação e análise dos resultados..... | 56 |
| 3.1 Realizações do <i>r</i> pós-vocálico em Porto Alegre..... | 57 |
| 3.1.1 Realização do <i>r</i> pós-vocálico em interior de vocábulo..... | 57 |
| 3.1.2 Realização do <i>r</i> pós-vocálico em final de vocábulo..... | 62 |
| 3.2 Resultados de apagamento do <i>r</i> pós-vocálico..... | 65 |
| 3.2.1 Apagamento do <i>r</i> pós-vocálico em interior e final de vocábulo..... | 65 |
| 3.2.2 Apagamento do <i>r</i> final em verbos e não-verbos..... | 66 |
| 3.2.3 Apagamento do <i>r</i> final em não-verbos..... | 70 |

| | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 3.3 Apagamento do <i>r</i> final em não-verbos – as variáveis selecionadas..... | 73 |
| 3.3.1 Contexto seguinte..... | 73 |
| 3.3.2 Consoante coronal e não-coronal no contexto seguinte..... | 76 |
| 3.3.3 Contexto precedente..... | 77 |
| 3.3.4 Tonicidade e extensão do vocábulo..... | 78 |
| 3.3.5 Classe social..... | 80 |
| 3.4 Apagamento de <i>r</i> final em verbos – as variáveis selecionadas..... | 82 |
| 3.4.1 Contexto precedente..... | 82 |
| 3.4.2 Extensão do vocábulo..... | 83 |
| 3.4.3 Classe morfológica..... | 84 |
| 3.4.4 Idade..... | 84 |
| 3.4.5 Sexo..... | 87 |
| 3.4.6 Classe social..... | 88 |
| 3.4.7 Síntese dos resultados..... | 90 |
| Considerações finais..... | 93 |
| Referências bibliográficas..... | 98 |
| Anexo 1 – Distribuição dos ocupados por faixa salarial e por renda média no Brasil..... | 104 |
| Anexo 2 – Lista de 40 ocupações e seus respectivos índices socioeconômicos (Chambers, 1995)..... | 105 |
| Anexo 3 – Arquivo de especificação de fatores..... | 106 |
| Anexo 4 – Distribuição percentual das realizações do <i>r</i> pós-vocálico no conjunto de dados, sem subdividir segundo posição interna e final..... | 109 |
| Anexo 5 – Distribuição percentual das realizações do <i>r</i> pós-vocálico no interior do vocábulo..... | 110 |
| Anexo 6 – Distribuição percentual das realizações do <i>r</i> pós-vocálico no final do vocábulo..... | 111 |

ÍNDICE DE TABELAS

| | |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Tabela 1 – Distribuição percentual das realizações do <i>r</i> pós-vocálico segundo posição na palavra, excluídos os casos de apagamento..... | 63 |
| Tabela 2 – A pagamento do <i>r</i> final em verbos e não-verbos..... | 67 |
| Tabela 3 – Apagamento de <i>r</i> final em verbos..... | 68 |
| Tabela 4 – Apagamento do <i>r</i> final em não-verbos..... | 70 |
| Tabela 5 – Apagamento do <i>r</i> final em não-verbos em relação a contexto seguinte..... | 74 |
| Tabela 6 – Apagamento do <i>r</i> final em não-verbos em relação a consoante coronal e não-coronal no contexto seguinte..... | 76 |
| Tabela 7 – Apagamento do <i>r</i> final em não-verbos em relação a contexto precedente..... | 77 |
| Tabela 8 – Apagamento do <i>r</i> final em não verbos em relação a tonicidade e extensão do vocábulo..... | 78 |
| Tabela 9 – Apagamento do <i>r</i> final em não-verbos em relação a classe social..... | 80 |
| Tabela 10 – Apagamento do <i>r</i> final em verbos em relação a contexto precedente..... | 82 |
| Tabela 11 – Apagamento do <i>r</i> final em verbos em relação a extensão do vocábulo..... | 84 |
| Tabela 12 – Apagamento do <i>r</i> final em verbos em relação a classe morfológica..... | 85 |
| Tabela 13 – Apagamento do <i>r</i> final em verbos em relação a idade..... | 87 |
| Tabela 14 – Apagamento do <i>r</i> final em verbos em relação a sexo..... | 87 |
| Tabela 15 – Apagamento do <i>r</i> final em verbos em relação a classe social..... | 89 |

ÍNDICE DE GRÁFICOS

| | |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Gráfico 1 – Distribuição percentual das realizações do <i>r</i> pós-vocálico em interior de vocábulo..... | 58 |
| Gráfico 2 –Distribuição percentual das realizações do <i>r</i> pós vocálico em final de vocábulo | 62 |

INTRODUÇÃO

Existem, no Português do Brasil, diferentes alofones do *r* em posição pós-vocálica, tanto em interior de palavra (*porta, barco*) quanto em contexto final (*gostar, luar*). Estudos anteriores realizados em diferentes cidades do país demonstraram que, dependendo dos condicionadores envolvidos no processo, sejam eles de natureza lingüística (contexto fonológico, número de sílabas, entre outros), sejam de natureza extralingüística (localização geográfica, idade, sexo, escolaridade), o *r* pode ser realizado de diferentes formas: como vibrante alveolar simples ou múltipla, como vibrante retroflexa ou ainda como fricativa posterior velar, uvular, glotal ou aspirada. Além dessas diferentes variantes, o *r* também pode, nesse contexto, ser completamente apagado, o que alguns autores denominam de “zero fonético”.

Em nossa pesquisa, estudamos as realizações do *r* pós-vocálico existentes em Porto Alegre, bem como a sua omissão total, investigando quais fatores lingüísticos e extralingüísticos influenciam a escolha do falante por uma ou outra variante. Dessa forma, trataremos esse fenômeno como um caso de variação lingüística, dentro da linha da sociolingüística variacionista. Para a realização de nosso estudo, utilizamos um *corpus* de vinte e quatro informantes extraído do projeto *Variação Lingüística Urbana na Região Sul – VARSUL*. O projeto VARSUL é um banco de dados que dispõe de amostras de fala representativas das variedades lingüísticas dos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná e tem como objetivo central descrever o português falado no sul do Brasil.

O texto está dividido em três capítulos, apresentados da seguinte forma: no capítulo 1, expomos nosso referencial teórico, caracterizando diferentes pesquisas feitas sobre a variável em estudo; no capítulo 2, apresentamos nosso suporte metodológico, incluindo a

caracterização do *corpus*, bem como os grupos de fatores sociais e lingüísticos considerados na análise; no capítulo 3, detemo-nos na exposição e discussão dos resultados estatísticos. Seguem-se, ainda, as conclusões a que pudemos chegar com a realização deste estudo.

Por fim, esperamos, com este trabalho, mostrar resultados que possam contribuir, ainda que timidamente, com a pesquisa sociolingüística que vem sendo realizada sobre o português em diferentes localidades do Brasil. Gostaríamos, também, de que nossa pesquisa pudesse levar outros pesquisadores interessados no fenômeno em estudo à reflexão sobre o comportamento do *r* pós-vocálico no português do Brasil.

Objetivos

O objetivo desta pesquisa é analisar as diferentes realizações do fonema *r* quando em posição pós-vocálica - tanto em final quanto em interior de vocábulo - no português falado em Porto Alegre, atentando principalmente para sua manutenção ou queda. Pretende-se investigar em quais contextos essa variável se mantém (considerando as diferentes variantes do *r* em posição pós-vocálica) e quais contextos favorecem a sua supressão, verificando sua distribuição social. Além disso, queremos investigar se existe um condicionamento morfológico interferindo na realização do *r*, o que justificaria a maior incidência de queda desse segmento em posição final de determinadas classes gramaticais, especificamente em verbos.

Um dos enfoques importantes desse trabalho diz respeito aos condicionadores sociais do fenômeno em estudo. Nesse sentido, nosso objetivo é tentar demonstrar, a partir de dados estatísticos, que informações sobre o sexo, o grau de instrução, a faixa etária e a classe social são relevantes na escolha dos falantes por uma ou outra realização da variável.

Hipóteses

A principal hipótese desta pesquisa sobre a realização do *r* pós-vocálico é que o apagamento desse segmento em contexto final de sílaba é uma forma inovadora, que representa um caso de mudança lingüística em andamento. Assim, esperamos, a partir dos resultados, verificar uma maior adesão de falantes mais jovens à essa variante. Essa hipótese se baseia em resultados de estudos já realizados (Marquardt, 1977; Oliveira, 1983; Votre, 1987). Também acreditamos haver a possibilidade de o segmento se manter na fala de informantes do sexo feminino, pois muitas vezes, em casos de mudança em andamento, as mulheres estão à frente, contribuindo para a efetivação de fenômenos inovadores.

Quanto à classe social, esperamos identificar o padrão ascendente estabelecido por Kroch (1981), que demonstra – pelo menos no que diz respeito a fenômenos fonológicos – serem as classes sociais mais baixas as que conduzem os processo de mudança. Um maior detalhamento sobre as variáveis sociais e sobre nossas expectativas em relação a elas será exposto no item 3.1.

Em relação às variáveis lingüísticas, nossas expectativas são as de que, em primeiro lugar, a classe morfológica seja a variável de maior relevância no processo de supressão do *r* pós-vocálico. Essa hipótese, já discutida em outros trabalhos que trataram da realização e do apagamento do *r* pós-vocálico, baseia-se na alta taxa de omissão do *r* em infinitivos, o que foi percebido inclusive por estudos realizados há várias décadas, tais como os de Bueno (1944), Melo (1945) e Amaral (1955). Essa alta taxa de supressão em infinitivos, bem como em outras categorias verbais, levou-nos a supor a existência de dois fenômenos distintos: um para os casos de apagamento do *r* no interior do vocábulo, de motivação fonológica, e outro para os casos de apagamento no final do vocábulo, fortemente associado à classe gramatical dos verbos.

Também esperamos que haja uma restrição à omissão em palavras monossilábicas, de acordo com os resultados de Votre (1987) e Callou et al. (1996), bem como com as

observações de Amaral (1955). Por fim, acreditamos serem as vogais não-arredondadas no contexto precedente as que mais favorecem o apagamento, sobretudo nos verbos, devido à retenção do *r* percebida nos verbos *pôr* e seus derivados.

Justificativa

Este trabalho, além de contribuir para uma descrição do português falado em Porto Alegre a partir de uma análise de dados retirados do Projeto *Variação Lingüística Urbana no Sul do País* (VARFUL), vai ao encontro dos objetivos de um estudo mais abrangente sobre *Universais de Variação Sociolingüística*, de autoria do Prof. Dr. Gregory Guy, da Universidade de York, Canadá. A meta desse estudo é a identificação de generalizações sobre o comportamento sociolingüístico que sejam válidas não só para diferentes comunidades de fala, mas também para diferentes línguas; melhor dizendo, essa linha de pesquisa está ligada à investigação de *universais sociolingüísticos*. Denominamos *universais sociolingüísticos* porque consideramos que não apenas fatores de natureza lingüística são responsáveis pelo estabelecimento de regras de caráter universal, mas porque acreditamos que certos condicionadores sociais – tais como classe social, grau de instrução e sexo – podem contribuir para a efetivação de certas mudanças que ocorrem nas línguas.

Conforme nos explica Guy em sua proposta de projeto de pesquisa com base no banco de dados VARFUL, a abordagem comparativa na pesquisa sociolingüística adota duas perspectivas. De um lado, busca-se saber se os detalhes de condicionamento de variação são semelhantes ou equivalentes em línguas e dialetos distintos ou se ao menos são condicionados pelas mesmas estruturas e princípios. Guy aponta como exemplo o apagamento de *t/d* finais em inglês, que é influenciado pelos segmentos anteriores e posteriores seguindo princípios fonológicos gerais, como a silabação e o *princípio de contorno obrigatório*¹. O

1 Segundo o OCP (obligatory contour principle), quando há correspondência ou semelhança entre traços fonológicos de elementos próximos (por exemplo, uma variável e seu contexto fonológico precedente ou seguinte), maior é a tendência de apagamento de um desses elementos.

português, assim como o inglês, também apresenta processos de apagamento de segmentos finais, tais como o *s*, que serviu como objeto de estudo de Guy (1981), e o *r*, sendo este último o tema de nossa pesquisa.

A sociolinguística comparativa tem necessariamente uma perspectiva social. Na teoria sociolinguística, postula-se que certas tendências sociais são gerais, como a estratificação social das variáveis e a distribuição social das inovações linguísticas. Segundo estudos já feitos (ver, por exemplo, o papel das classes sociais no uso de variáveis fonológicas em Kroch, 1978, e o “padrão curvilíneo” em Labov, 1990), parece que esse postulado é válido, mas uma investigação mais extensiva se faz necessária. Algumas dessas tendências podem ser universais, mas é provável que outras dependam da estrutura social da comunidade de fala. Nesse sentido, estudos comparativos podem contribuir para esclarecer o que é geral, ou seja, o que diz respeito a todas as línguas, e o que é particular de cada língua ou comunidade especificamente. Logo, um estudo sobre a realização do *r* pós-vocálico se enquadraria nessa perspectiva, visto que pode ser comparado com outras pesquisas sobre o mesmo assunto.

O estudo da queda da vibrante em posição pós-vocálica sob uma perspectiva variacionista no português de Porto Alegre se justifica também pela existência de outras pesquisas sobre essa variante em diferentes localidades do Brasil. Assim, um estudo específico sobre o fenômeno em Porto Alegre viria a contribuir para uma análise da omissão da vibrante também em nível diatópico.

A distribuição das realizações fonéticas do *r* é reconhecida como diferente no Sul do Brasil, onde predomina a vibrante anterior. Por isso, o fenômeno merece ser investigado para ver se essa diferença tem influência sobre a taxa ou sobre os contextos de apagamento.

Cabe salientar, ainda, que este estudo pretende contribuir para um ensino de língua que não desconsidere o português efetivamente utilizado, diferente daquele idealizado pelas gramáticas. Já na década de 30, Rodrigues Lapa (*apud* Amaral, 1955: 21) muito lucidamente percebia que “*uma coisa impossível é chamar à ordem o idioma, aprisioná-lo, impor-lhe uma disciplina insuportável*”. Nesse sentido, o estudo poderá contribuir para o esclarecimento

daqueles que ainda acreditam que certas características inovadoras da língua “corrompem” a língua ideal. Segundo Lemle (1978; 63):

“o estudo das diferenças estruturais regulares entre a norma padrão e cada uma das demais variedades da língua portuguesa constitui uma etapa básica para a boa metodologia do ensino do português, uma vez que somente tendo em mãos os resultados empíricos de tais pesquisas contrastivas terão os organizadores dos currículos as informações essenciais para o planejamento das etapas didáticas através das quais os educandos poderão ser levados a desenvolver a capacidade de ‘traduzir’ de uma para outra variedade do português”.

Nessa mesma direção, Bortoni-Ricardo (1996) nos aponta que aqueles professores que vêem a variação como uma característica natural dos alunos, indicadora de sua cultura, estão mais aptos a praticar e permitir que se pratique uma alternância de estilos em sala de aula, de acordo com as características do processo interacional, e também estão mais aptos a entender o ensino de estilos monitorados como uma apropriação de recursos e de informações que se processa naturalmente à medida que os alunos amadurecem. De acordo com Mattos e Silva (1994:215),

“os professores mais conscientes da problemática da sociolinguística brasileira procuram trabalhar a partir dessa realidade diversificada, sem estigmatizar a variação dialetal, pelo contrário, valorizando-a, ao mesmo tempo em que desenvolvem o seu trabalho numa linha crítica que assume de fato o que alguns têm chamado de situação diglósica(...)”

Em resumo, a idéia que a autora nos transmite e com a qual concordamos é que os educandos, embora devam ser respeitados e valorizados quanto ao seu dialeto de origem – e nesse sentido os estudos sociolinguísticos podem prestar serviço à educação –, eles devem também estar conscientes da existência de outra norma socialmente exigida a um indivíduo escolarizado, sobretudo em determinadas situações sociais.

1. Revisão bibliográfica

Estudando as transformações ocorridas no sistema consonantal do latim vulgar para o português, Coutinho (1976:116) cita a queda de segmentos, via perda ou assimilação por adjacência. Percebe-se, portanto, que existe uma tendência, do início para o fim das palavras, em diminuir a manutenção das consoantes latinas. As consoantes mediais surdas latinas sonorizam-se em português quando intervocálicas, e as sonoras tendem a cair: *lupu* > *lobo*, *acutu* > *agudo*, *nudu* > *nu*, *gradu* > *grau*.

Em relação às consoantes finais, segundo Coutinho, o processo de queda do latim para o português foi bastante expressivo. Todas as oclusivas finais desapareceram, como em *bibit* > *bebe*, *post* > *pós*, *quid* > *que*. A sibilante *s* se manteve no plural dos nomes (*arbores* > *árvores*), nos advérbios (*minus* > *menos*), em alguns nomes próprios de introdução eclesiástica (*Lucas* > *Lucas*, *Marcos* > *Marcos*) e como desinência verbal (*debemus* > *devemos*). As nasais finais desapareceram totalmente (*nomen* > *nome*), ou perderam o seu estatuto consonantal nos monossílabos, mantendo-se como ressonância nasal da vogal anterior (*in* > *em*, *cum* > *com*). Por fim, a líquida *r* em posição final se manteve, mas sofreu metátese com a vogal anterior, formando um grupo consonantal interno ao vocábulo: (*semper* > *sempre*, *inter* > *entre*, *quattuor* > *quatro*).

Essa redução no inventário das consoantes finais do latim para o português é também mencionada por Mattos e Silva (1991). Segundo essa autora, contrariamente ao que ocorre com as consoantes em posição inicial e medial, posições em que os elementos do sistema se reestruturam e o sistema é enriquecido, em final de vocábulo o inventário é simplificado.

Fica clara, então, a partir dos exemplos listados, a tendência ao cancelamento das consoantes finais do latim para o português. Cabe ressaltar, no entanto, que as consoantes finais que permaneceram em nosso sistema existiam no latim, mas não em posição final; elas se mantiveram devido a outras mudanças em progresso no sistema. Tarallo (1994:114) esclarece que

“Assim, o /r/ em ‘amor’ era interno no latim (amorem), mas, com a queda da nasal final e a apócope do /e/, essa consoante foi trazida e implantada no português em posição final de palavra”.

A supressão da vibrante em contexto pós-vocálico e suas diferentes realizações já despertaram o interesse de numerosos estudiosos, desde filólogos até sociolinguistas, que buscaram investigar as possíveis causas do seu comportamento variável. Um dos comportamentos mais comuns da vibrante quando em contexto final de vocábulo é justamente a sua supressão, e esse fenômeno muitas vezes é abordado, em estudos de fonética do português, como uma tendência à queda de segmentos finais que vem desde o latim e se reflete no português contemporâneo, conforme vimos em Coutinho (1976) e Tarallo (1984).

Embora a maioria dos estudos abordem a queda de consoantes em final de palavra, há também menções à omissão do *r* em contexto interno. Em sua obra datada de 1937, Jucá Filho (p. 112), ao descrever o português do Brasil, já aponta uma tendência à omissão de consoantes em final de sílaba, citando como exemplos palavras como *carnaval* e *mesmo*, em que consoantes nasais no contexto seguinte favorecem o fenômeno de apagamento.

Bueno (1944:22-23) chama atenção para uma modalidade de *r* gutural utilizada no norte do Brasil e no Rio de Janeiro semelhante ao *r* do francês parisiense. Estudando o português falado nos estados de Pernambuco, Alagoas, Bahia e na cidade do Rio de Janeiro, verificou que, principalmente quando o grau de instrução dos falantes era inferior, esse *r* tornava-se mais aspirado. Além disso, o autor afirma que as consoantes finais estão sendo omitidas na fala de pessoas sem instrução, como em *jantá* e *passéá*. A partir dessas afirmações, percebemos que Bueno considera o processo de apagamento do *r* um fenômeno relacionado sobretudo a falantes de grupos socioculturais mais baixos. Uma discussão mais detalhada a respeito do papel das diferentes classes sociais no fenômeno de apagamento do *r* pós-vocálico será feita no capítulo 3.

A aspiração do *r* verificada por Bueno (1944) é uma das características que fez com que muitos considerassem o português do Brasil mais “macio” do que o português europeu. Nesse sentido, Nascentes (1960:255) nos chama atenção para o fato de que “*a língua do Brasil é denominada o português com açúcar.*”

Em seu estudo dialetológico sobre o português do nordeste brasileiro, Marroquim (1945:41-42) comenta que, naquela região, o *r* final se suprime invariavelmente na fala do povo. Para ilustrar a afirmação de Marroquim, transcrevemos um trecho extraído de um poema de Patativa do Assaré, escritor que utiliza, em sua obra, uma linguagem que deixa transparecer características do português falado no nordeste, dentre elas a omissão da vibrante final:

(...) Os óio além de *chorá*
É quem vê a nossa estrada
Mode o corpo se *livrá*
De queda e barruada
E além de *chorá* e de *vê*
Prumode nos *defendê*,
Tem mais um grande mistér
De admirave vantage
Na sua muda language
Diz quando *qué* e não *qué* (...)

Marroquim (1945) também verifica esse processo de apagamento na linguagem mais espontânea de falantes com maior instrução, embora em um contexto mais restrito, qual seja, diante de palavra iniciada por consoante. Marroquim associa esse fenômeno do português ao que aconteceu no romeno, em que o *r* final foi omitido nos infinitivos verbais. É interessante ressaltar aqui a similaridade do português com o romeno no que diz respeito ao fenômeno de apagamento do *r*; assim como no romeno, a queda do *r* final em português também se verifica em maior grau na classe do infinitivo, fenômeno que ainda pode ser identificado no francês.

Melo (1945:47) também faz referência à alegada relação entre o tupi e o português do Brasil. Uma influência seria o ensurdecimento do *r* final nos infinitivos verbais, tal como ocorre em *casá*, *aplaudi*, *compô*. Segundo ele,

“esse fenômeno na língua popular atinge sistematicamente o r final, em qualquer caso, e é da fala de todos no dialeto do Nordeste brasileiro, onde pode alcançar o r fechando sílaba no interior do vocábulo (...)”

A partir dessa afirmação, percebemos que o autor considera a queda do *r* pós-vocálico em interior de vocábulo uma característica do português falado no nordeste brasileiro, sem, contudo, fazer qualquer menção às possíveis variações diatópicas existentes nessa região. Também podemos inferir que o autor considera o fenômeno restrito à *fala do povo*; porém, uma observação mais acurada talvez pudesse demonstrar que, mesmo há mais de cinco décadas, o fenômeno também era verificado na fala de pessoas de nível social mais elevado.

Após essa afirmação, Melo explicita sua discordância frente à idéia de influência do tupi nesse fenômeno: *“Parece-me inteiramente desarrazoado explicar o fato por influência tupi”*, lembrando que esse mesmo processo já foi comprovado em outras línguas distantes do tupi, como o francês, que ensurdeceu o *r* final de nomes em *-er*, como em *premiê, dansê, derniê*, e o friulês (língua falada no norte da Itália), como em *pasá (passare), laudá (laudare)*. Além disso, esse fenômeno também ocorreu no romeno. Acrescenta, ainda, que semelhante redução verificou-se no espanhol da América (p. 47).

Questiona-se Melo por que teriam relacionado ao tupi o processo de apagamento do *r* no português do Brasil se essa língua possuía o *r* final. *“Para não ficar sem prova o que acabo de dizer, eis uma pequena lista de vocábulos tupis ostentando r final: osekár, ‘ele o procurou’, mosapyr, ‘três’, xe ropar, ‘encontrou-me’, our, ‘ele veio’ (...)”*

Além de Melo (1945), outros pesquisadores associaram o processo de queda de certas consoantes do português à estrutura da língua tupi. Paulo Duarte (*apud* Amaral, 1955:15) diz que o tupi não tinha os fonemas /f/, /l/ e /r/. *“Língua sem fé, sem lei, sem rei, no dizer de Gabriel Soares (...) ou sem ff e rr, segundo Cassiano Ricardo.”*

Amadeu Amaral, em sua obra *“O dialeto caipira”* (1955:52), em que descreve o dialeto falado no interior do estado de São Paulo, afirma que a consoante *r* cai, nesse dialeto, quando em final de palavra, como em *andá, muié, esquecê, subi, vapô*. Porém, o *r* se conserva,

geralmente, em alguns monossílabos tônicos, como em *dor*, *cor*, *par*, e também no monossílabo átono *por*. Raras vezes, o *r* permanece em palavras de mais de uma sílaba: *amor*, *suor*. Nos verbos, ainda que monossílabos, cai sempre : *vê*, *i*, *pô*. Interessante perceber que, no dialeto caipira de décadas atrás, a queda do *r* já se fazia presente nos verbos *pôr* e seus derivados, o que, considerando-se a amostra extraída do Projeto VARSUL, não se percebe no português falado em Porto Alegre. Voltaremos à questão no capítulo referente à análise de dados (capítulo 3).

Antenor Nascentes (1960), em sua obra “*O idioma nacional*”, pouco nos fala a respeito da articulação da vibrante, tanto em posição inicial quanto em posição final de sílaba e de vocábulo. É curiosa, no entanto, a recomendação que o autor nos faz sobre a adequada pronúncia da vibrante: “*O r final deve ser pronunciado sem exagero, e não como fazem certas pessoas que querem passar por bem falantes*” (p.27). Essa recomendação parece apontar para uma questão importante: a de que a pronúncia do *r* final estava associada a um modo mais prestigioso de falar, o que levava certos falantes a salientarem sua pronúncia.

Ao descrever o português do Brasil, Silva Neto (1963) informa que o *r* forte apical, tanto inicial quanto medial, tem sido substituído, não só em português como em outras línguas, por um *r* posterior, velar ou uvular (p. 191); sobre esse mesmo processo, Malmberg (1954) diz ser um fenômeno eminentemente urbano, que teve origem nas classes superiores das cidades grandes do Brasil e que influenciou a fala da “gente da província” (p. 84). Constatação semelhante é a de Camara Jr. (1977), que diz que, no caso do *r* forte português, o processo diacrônico ocorre no sentido da substituição da articulação ântero-bucal, caracterizada por vibrações múltiplas da ponta da língua junto aos dentes superiores, por uma vibração posterior. Essa modalidade de *r*, presente no francês – *r grasseyé* – é, segundo Silva Neto, considerado o de mais prestígio na França (p. 17). Se, como afirma Malmberg, o processo de posteriorização do *r* no português do Brasil realmente se iniciou nas classes sociais superiores, podemos refletir se, assim como na França, esse fenômeno também apresenta prestígio no Brasil. Infelizmente não será possível, em nosso estudo, abordar tal questão, visto que em nossa amostra essa modalidade de *r* é praticamente inexistente.

Vasconcellos (1970:133), assim como outros autores citados, também chama atenção para a omissão do *r* final no “*dialecte brésilien*”, como ocorre em *flô, muié e botá*. Porém, reconhece ser essa também uma característica do português europeu, afirmando que “*en proclise, l’r final disparaît devant une consonne dans la prononciation négligée (...): comprá’ caro, po’ teu pé (sic), se não fô’ muito tarde*” (p.98). Percebe-se nessa afirmação que o fenômeno de apagamento do *r* final é associado pelo autor a um português pouco cuidado, provavelmente utilizado em situações de menor formalidade. Cabe salientar que o autor reconhece, também, um condicionamento lingüístico para o processo de apagamento: a influência do contexto seguinte à vibrante.

Vasconcelos (1970:135) verifica esse processo também no indo-português – “*le portugais parlé autant dans l’Inde prope, qu’à Ceylan*”. Por exemplo, no dialeto “norteiro” (do norte da costa ocidental da Índia, em território inglês), ocorre “*quelquefois la suppression de l’-r des infinitifs: cordá = acordar (...)*”, bem como a supressão de outras consoantes finais (p. 138). No português de Goa, antigo território português da costa ocidental da Índia, “*r- et rr- se prononcent faiblement(...)*” (p. 140). No português da costa de Coromandel, região situada na costa leste da Índia, o autor demonstra que algumas características podem ser depreendidas de certas frases citadas por M. Schuchardt, em “*Beiträge zur Kenntniss des kreol*”, dentre elas o apagamento do *r* em infinitivo verbal: *bêrig fóóm comê* (literalmente “*barriga fome comer*”), que significa “*quero comer*” (p. 143). No dialeto de Macau, na China, também há queda do *r* em infinitivos: *falá, querê* (p. 148).

A queda do *r* em final de palavra é verificada por Vasconcelos (1970) também no crioulo falado em Málaca, cidade da Malásia, como nos vocábulos *fazé, mulhé, lugá* ; no crioulo do arquipélago do Cabo Verde, como em *chegá*; no crioulo da ilha se São Thomé, como em *cuié* (colher); no crioulo de Príncipe, como em *vendê*; no crioulo de Ano-Bom, ilha do Golfo da Guiné, em que o *r* final ou cai, como em *matá*, ou é substituído por *l*, como em *Chiol* (Senhor), ou ainda recebe um *e* epentético subsequente, como em *miere* (mulher) (p. 150-6). Por fim, sobre o português de Angola (p. 158), a respeito do fenômeno em estudo, o autor faz uma curiosa observação: “*Les Nègres ont toujours une grande difficulté à articuler notre r (...)*”. Com base nessa afirmação, podemos inferir que essa dificuldade de pronúncia

pode ser, para o autor, uma das explicações para os fenômenos que envolvem a vibrante nos crioulos africanos de base portuguesa. No entanto, não podemos deixar de ressaltar o caráter discriminatório dessa afirmação, visto que não existem, de fato, razões para os negros apresentarem tal dificuldade de pronúncia, como se fossem considerados lingüisticamente “menos capazes”.

Também na área de variação lingüística várias pesquisas foram realizadas sobre a vibrante. Em geral, as pesquisas na área de variação apresentam grande relevância no contexto dos estudos lingüísticos por não se deterem simplesmente na descrição de uma língua, mas por preocuparem-se em apresentar, de forma sistemática, a relação evidente entre língua e sociedade. E foi graças à teoria sociolingüística de Labov, precursor dos estudos dessa natureza, que se passou a demonstrar com sucesso ser a heterogeneidade da fala passível de sistematização. Essa sistematização se tornou viável com o auxílio de modernos modelos estatísticos, que apresentam resultados numéricos elucidativos referentes à atuação de cada variável extralingüística.

A partir do primeiro estudo sociolingüístico realizado por Labov em 1963, sobre o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard, Estados Unidos, inúmeros outros foram feitos até os dias de hoje. No nosso trabalho, faremos um breve apanhado dos estudos sobre a vibrante realizados com o aparato da teoria sociolingüística laboviana em diferentes estados do Brasil, pois os achados e a análise de outros pesquisadores nortearão a discussão de nossos resultados.

Dentre os estudos variacionistas sobre a vibrante, podemos destacar o de Cagliari (1981). No dialeto paulista, Cagliari (1981) observa que há vibrantes que ocorrem quando a ponta da língua bate várias vezes contra a região alveolar do palato e há vibrantes que ocorrem quando o dorso da língua vibra contra o véu palatino. A primeira articulação é mais comum, podendo ser também pronunciada com uma fricção local. Há ainda vibrantes em que a parte posterior do dorso da língua bate repetidamente contra a úvula, mas são raras no português brasileiro. No dialeto estudado, segundo o autor, há uma pronúncia atípica no Brasil, que consiste em um som retroflexo em que a ponta da língua se eleva, encurvando-se na direção da região palato-alveolar. Esse som é comum em alguns dialetos do inglês americano e no dialeto

caipira. Felizmente, nossos dados nos permitirão verificar se esse *r* considerado “atípico” é realmente uma particularidade do dialeto caipira (no caso do português do Brasil), ou se pode ser encontrado também em outras regiões do Brasil – no caso, no Rio Grande do Sul, como verificou Callou *et al.* (1996) e Monaretto (1992).

Oliveira (1983), em seu estudo sobre as consoantes líquidas no português, analisa a vibrante pós-vocálica medial e final na fala de habitantes de Belo Horizonte e considera que o apagamento do *r* é um caso de mudança em progresso. Ele fala sobre uma tendência à eliminação das consoantes líquidas no português, argumentando que o fato de articulações anteriores do *r* serem substituídas por posteriores é uma confirmação dessa tendência à omissão de segmentos líquidos.

Oliveira (1983) afirma, também, que a ausência do *r* em posição final de palavra não pode ser o resultado de uma regra de apagamento. Sua proposta é que as formas verbais têm dois alomorfes – um com *r*, antes de fronteira de morfema, e um sem *r*, antes de fronteira de palavra. Os casos de *r* foneticamente realizados antes de fronteira de palavra em formas verbais foram analisados como casos de inserção do *r*. Segundo o autor, essa nova visão do problema tem o suporte de evidências fonológicas e estilísticas, bem como de evidências diacrônicas da história do português.

A respeito da comunidade estudada, uma informação interessante que Oliveira (1983) apresenta em seu trabalho é que Belo Horizonte anda em direção ao estabelecimento de um padrão que não existia anteriormente. Isso se dá pela gradativa eliminação de variantes fonéticas do *r* e do *lh* associadas ao meio rural, que acabam sendo substituídas por outras utilizadas em grandes centros urbanos ou em cidades prestigiadas como o Rio de Janeiro. Um achado interessante em seu estudo foi que as classes sociais intermediárias (*middle classes*) demonstraram-se as maiores “adeptas” a essas variantes *standards* (p.236), o que pode sugerir hipercorreção. Além disso, no caso de Belo Horizonte, não são as mulheres que lideram o processo de mudança em andamento. Com base nesse dado, podemos notar que é importante verificar o papel que a mulher exerce em cada comunidade de fala antes de se fazer generalizações a respeito do seu comportamento lingüístico.

Os resultados de Oliveira (1983) relativos à realização do *r* demonstram a frequência total de cada uma das variantes da vibrante, inclusive o zero, ou seja, o apagamento: 0,17% para a vibrante anterior, 0,57% para o *r* posterior (velar ou uvular), 0,63% para a fricativa palatal retroflexa, 1,15% para o *r* fricativo palatal retroflexo, 4,56% para o tepe, 4,66% para a fricativa velar, 39,11% para a fricativa glotal e, finalmente, apresentando a maior frequência, 49,13% para o apagamento da vibrante. Examinando os resultados de acordo com diferentes posições (interna e final), é importante ressaltar que a fricativa glotal e o zero fonético são o inverso nas duas posições: 70,39% de ocorrência da fricativa glotal no interior de palavra e 17,57% no final de palavra, e 17,59% de apagamento no interior contra 70,83% no final de palavra. Segundo o autor, esses resultados poderiam levar a crer que existe uma regra de apagamento atuando sobre a fricativa glotal, que é fortemente favorecida pela posição final de vocábulo, mas não se pode esquecer que o apagamento também ocorre em dialetos que não apresentam essa modalidade de *r*, como o português falado em Porto Alegre.

Oliveira (1983) também analisou os diferentes tipos de *r* em final de palavra separando verbos de nomes. Na categoria dos verbos, incluiu o vocábulo *qualquer*, “*que é historicamente uma palavra composta cujo segundo elemento é a forma verbal quer*” (p. 112). Além disso, foram agrupadas as variantes do *r* de acordo com modo de articulação devido ao reduzido número de dados de algumas delas. Os resultados dessa rodada foram 8,47% de ocorrência de tepe em final de nomes e 4,01% em final de verbos, 2,74% de *r* retroflexo em final de nomes contra 0,68% nas formas verbais, 1,62% de vibrante múltipla em final de nomes e 0,46% em verbos, 61,06% de fricativas posteriores em final de nomes e 13,26% em verbos e 26,09% de apagamento em final de nomes contra 81,59% em final de verbos. Saliente-se, aqui, a alta taxa de apagamento de *r* em final de verbos, como atesta a literatura, e também a ocorrência significativa, nesse dialeto, de fricativas posteriores tanto nas formas verbais quanto nos nomes.

Ainda sobre as diferentes realizações do *r* em Belo Horizonte, Oliveira (1983) observou que a fricativa glotal é a variante mais frequente em todas as classes sociais, enquanto o tepe é mais utilizado nas classes inferiores, o que sugere ser uma variante estigmatizada. Além disso, o tepe é preferido entre os homens, enquanto as mulheres parecem

preferir a variante de maior prestígio na comunidade. Sobre o *r* retroflexo, Oliveira (1983) comenta que, de fato, essa variante tem uma conotação rural. Segundo o autor, o fato de o *r* retroflexo não ter aparecido em pares mínimos indica que ele não tem prestígio (p. 180).

A variável *estilo* demonstrou, para os casos de *r* em interior de vocábulo, uma maior tendência à omissão desse segmento na fala casual, seguida da fala cuidada e da leitura. Utilizando as palavras do autor, “*isso não é surpreendente, visto que os estilos de leitura são muito diferentes dos estilos de fala*” (p. 120). Esse resultado atesta a relação entre a manutenção da vibrante e o grau de formalidade do discurso. Em outras palavras, é possível constatar que quanto mais formal for a situação comunicativa em que se encontra o falante, maior a tendência de manutenção do *r* pós-vocálico. Poderíamos dizer, então, que a tendência “natural” do falante é a omissão da vibrante, enquanto a manutenção desse segmento está intimamente ligada à linguagem menos espontânea.

Na análise do apagamento do *r* pós-vocálico, o autor observou que o efeito da variável estilo é muito similar para o contexto interior (peso de 0,54) e final de palavra (peso de 0,55) em não-verbos. Em ambos os casos, o *r* é mais frequentemente apagado na fala menos cuidada. Já nos verbos, os resultados foram completamente inesperados: houve maior retenção no estilo casual (peso de 0,62) do que no estilo cuidado (0,38), o que surpreendeu o autor, pois, segundo ele, a inserção não é um “processo natural”; ao contrário, é um fenômeno mais comum em situações em que o falante está mais alerta, ou seja, mais preocupado com seu modo de falar (p. 204).

Sobre a variável idade, o autor verificou que a manutenção do *r* nos verbos é favorecida por adultos entre 31 e 40 anos (0,28 de apagamento) e desfavorecida por adultos com mais de 40 anos (0,76 de apagamento). Ele explica esses resultados argumentando que jovens adultos são aqueles que têm maiores expectativas na sociedade em termos de ascensão social e colocação profissional, o que os levaria a empregar certas variantes de prestígio. Já nos não-verbos houve maior apagamento entre os falantes mais jovens (0,60 para falantes até 20 anos e 0,53 para falantes entre 21 e 30 anos) e menor apagamento entre os mais velhos (0,46 para falantes acima de 41 anos) (p. 206).

Os resultados para a variável idade levaram o autor a questionar a possibilidade de mudança em progresso. Ele conclui que, no caso do *r* final em não-verbos, é possível que os resultados de tempo aparente indiquem mudança em curso, com falantes mais jovens favorecendo o apagamento e mais velhos desfavorecendo. Porém, no caso do *r* interno não houve evidências de mudança em andamento, visto que a maior probabilidade de apagamento está justamente associada a falantes mais velhos (acima de 41 anos).

Por fim, sobre as variáveis sexo e classe social, Oliveira (1983) verificou maior adesão à regra de apagamento, tanto em interior quanto em final de vocábulo, entre homens e nas classes sociais mais baixas, sendo a classe média baixa a que se mostrou mais conservadora. Segundo ele, esses achados estão de acordo com a idéia, presente na literatura sociolinguística, de que as mulheres estão mais alertas do que os homens às variantes de prestígio social e de que a classe média baixa tende a utilizar mais as formas de prestígio do que as classes altas nos estilos de fala mais cuidados. Portanto, na comunidade estudada, pode-se dizer que mulheres mais jovens pertencentes à classe média baixa são as pessoas que mais retêm o *r* pós-vocálico.

Estudando o dialeto carioca, Votre (1987) examina, independentemente da realização fonética, os casos de omissão das vibrantes finais, valendo-se de amostras de fala de informantes universitários e alfabetizandos. Ele faz um apanhado histórico do processo de queda do *r* em final de palavra, mostrando que essa tendência já se verificava no latim, embora tenha se intensificado em fases posteriores ao português arcaico, “*vindo a disseminar-se por todas* (grifo nosso) *as classes de vocábulos nos dois últimos séculos, nas modalidades não-tensas*” (p. 36). Observaremos, em nossos dados, se essa afirmação é realmente válida, tendo em vista nossa expectativa de que a queda do *r* pós-vocálico ocorra especialmente em certas classes morfológicas.

Votre (1987) constata que a preservação da vibrante é relativamente baixa na classe dos universitários (0,64) e ainda mais baixa entre os alfabetizandos (0,36). Esse dado nos é elucidativo, pois também esperamos encontrar maior taxa de apagamento entre informantes de menor escolaridade. Essa supressão, segundo o autor, vem ocorrendo lenta e gradativamente,

tendo se iniciado possivelmente antes do século XVI e caracterizando-se, assim, como um fenômeno de mudança.

Conforme já referimos, Votre (1987) acredita que a queda da vibrante tenha se iniciado nos verbos, atingindo posteriormente outras classes de palavras, embora com restrições. Isso se explicaria pelo fato de o *r* ser marca de redundância no léxico e na sentença, visto que a qualidade tônica da sílaba não é afetada, como em *buscá* e *comê*, nem a predizibilidade da forma infinita é prejudicada pela sua ausência, como em *quero brincá*. Já em nomes a vibrante não teria função mórfica específica, fazendo parte do item lexical na maioria dos casos. Essa idéia vai ao encontro de uma das nossas hipóteses iniciais, qual seja, a de que a omissão do *r* no português do sul também ocorra com maior frequência em determinadas classes de palavras (especialmente nos verbos) ou em vocábulos isolados.

Votre (1987) encontrou os seguintes pesos relativos para a variável *classe morfológica*: 0,18 na categoria dos infinitivos, 0,30 nos verbos no subjuntivo, 0,73 nos adjetivos e 0,80 nos substantivos. Esses resultados parecem confirmar a hierarquia proposta pelo autor, em que a taxa de manutenção do *r* seguiria a ordem substantivos > adjetivos > verbos. Ainda sobre essa variável, o autor ressalta que

“o amálgama dos fatores ‘nominais’ Substantivo e Adjetivo num só fator Nome redundou numa variável elegante e poderosa, em que os fatores se distribuem gradualmente ao longo da escala probabilística, representando condicionamentos lingüísticos fundamentais (...)”
(p.86).

A variável *dimensão*, inicialmente dividida em quatro fatores – monossílabo, dissílabo, trissílabo e polissílabo – apresentou resultados muito próximos para os três últimos fatores (0,48, 0,49 e 0,49 respectivamente), o que levou o autor a subdividir a variável em três categorias – monossílabo, dissílabo e polissílabo. Ainda assim, os resultados (0,54, 0,48 e 0,48 respectivamente) demonstraram uma possível distinção apenas entre palavras com uma sílaba *versus* palavras com mais sílabas. Logo, parece haver uma tendência a manter a vibrante nos monossílabos. Trataremos disso no capítulo 3, ao apresentarmos nossos resultados.

Quanto à variável *contexto seguinte*, os resultados foram contrários ao esperado. A expectativa de Votre era de que a presença de vogal no contexto fonológico seguinte propiciasse a reorganização da estrutura silábica, favorecendo, assim, a retenção do *r*, o que não ocorreu: a probabilidade de retenção da vibrante diante de vogais foi de apenas 0,34. Além disso, a pausa, que de acordo com as expectativas deveria favorecer a supressão do segmento vibrante, apresentou um peso relativo de 0,70. Por fim, a probabilidade de retenção diante de consoantes, em relação às quais o autor não tinha uma expectativa pré-estabelecida, foi de 0,45. Essa baixa probabilidade de retenção da vibrante diante de consoantes já havia sido indicada por Vasconcellos (1970), o que poderia ter levado o autor ao menos a supor uma possível influência desse contexto.

Em relação aos condicionadores sociais, “*sexo comportou-se como variável irrelevante*”, segundo o autor (p. 77). Houve uma diferença de 0,58 e 0,42 respectivamente entre homens e mulheres. Entre os alfabetizandos, tanto homens como mulheres mantiveram um índice de 0,50 de retenção; porém, entre os universitários, a diferença passa para 0,57 para homens e 0,43 para mulheres.

Embora a diferença entre os sexos não tenha sido expressiva em termos de probabilidade, não achamos que possa ser “irrelevante”. É possível que exista uma tendência feminina a aderir à forma inovadora, e esse dado não pode ser ignorado, sobretudo pelo fato de essa tendência se confirmar no grupo isolado dos universitários.

Por fim, quanto à faixa etária dos informantes, houve um resultado curioso: falantes mais jovens retêm mais a vibrante (0,53) do que os mais velhos (0,47). Votre interpreta esse resultado como sendo um indício da maior atenção dos jovens às variantes consideradas mais cultas, o que se deve à sua maior necessidade de vencer os desafios que a vida lhes impõe e, por isso, de se conformar aos padrões de prestígio lingüístico.

Callou *et al.* (1996) realizaram um estudo comparativo da pronúncia do *r* com dados de diferentes estados do Brasil. Segundo eles, o fonema *r*, em posição de coda silábica, é um excelente exemplo de variação no português do Brasil devido a seu elevado grau de

polimorfismo. Nesse trabalho, com base na distribuição das variantes do *r* em posição pós-vocálica, pretendem estabelecer, a partir de dados extraídos do *Projeto Norma Urbana Culta* (NURC), uma delimitação de áreas dialetais de cinco capitais estudadas pelo Projeto *Gramática do Português Falado* – Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife – e também observar indícios de mudança, através das diferentes faixas etárias, e possíveis diferenças de comportamento lingüístico entre homens e mulheres. Foram analisadas 4.334 ocorrências de *r* extraídas de trinta inquiridos do tipo diálogo entre informante e documentador ou entre dois informantes, distribuídos por área geográfica, sexo e faixa etária. Os grupos de fatores considerados foram *tipo de r*, *posição no vocábulo*, *tonicidade da sílaba em que se encontra o segmento*, *tonicidade do vocábulo na cadeia fônica*, *dimensão do vocábulo*, *vogal antecedente*, *ponto e modo de articulação do elemento subsequente*, *classe gramatical*, *idade*, *região* e *sexo*.

Os resultados encontrados para a realização do *r* em uma rodada feita com todas as localidades mostram evidentes diferenças entre as regiões estudadas. Em interior de palavra, há predomínio da vibrante simples em Porto Alegre (83%) e São Paulo (87%), da fricativa velar no Rio de Janeiro (54%) e Salvador (55%) e da fricativa laringea ou aspirada (56%) em Recife. A queda do *r* nessa posição é baixa em todas as localidades, apresentando sua maior porcentagem (7%) no Rio de Janeiro. Um dado que consideramos curioso é a maior porcentagem de *r* retroflexo em Porto Alegre (7%) do que em São Paulo (5%), cidade onde se esperaria uma maior frequência desse tipo de *r* por influência do dialeto caipira. Nas outras localidades, essa variante não ocorreu.

Em contexto final (tanto em verbos quanto em não-verbos), a queda do *r* só não predomina em Porto Alegre, onde a vibrante simples ainda lidera, ocorrendo em 57% dos casos. Nesta capital, a queda representa 37% dos dados. Em São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife a queda representa, respectivamente, 49%, 47%, 62% e 50%.

Apesar dos achados interessantes do estudo de Callou *et al.* (1996), não podemos deixar de lembrar que esses resultados se referem a uma amostra pouco expressiva, o que gera um problema de representatividade. Tendo em vista que a pesquisa foi feita em cinco capitais

distintas, com informantes de ambos os sexos e três faixas etárias, sendo trinta informantes no total, cada célula social da pesquisa conta com apenas um representante. Uma análise sociolinguística baseada nos dados de apenas um informante para representar uma dada categoria social sempre apresentará limitações, que devem ser reconhecidas, pois corre-se o risco de fazer generalizações sobre a fala de um informante com um comportamento linguístico atípico, por exemplo.

Os resultados específicos para Porto Alegre, os quais mais nos interessam no momento, demonstram que, em uma rodada relativa à posição interna, foram selecionadas as variáveis *idade*, *vogal antecedente* e *dimensão do vocábulo*; já na rodada relativa ao contexto final, os grupos selecionados foram *vogal antecedente*, *contexto subsequente* e *classe morfológica*. Podemos depreender dos resultados que a vibrante simples em posição interna ocorre preferencialmente depois de uma vogal anterior (0,68), sendo que a vogal central inibe a sua realização. Em posição final, as vogais que favorecem o apagamento são as não-arredondadas. O resultado referente à variável *idade* infelizmente não foi apresentado pelos autores.

Em relação à variável *dimensão do vocábulo*, os resultados mostram que quanto maior o número de sílabas, maior a probabilidade de queda do *r* em posição interna (0,37, 0,59 e 0,61, respectivamente, para vocábulos de duas, três e quatro sílabas).

Os outros dois grupos de fatores que favoreceram o apagamento do *r* em posição final, como já mencionamos, foram *contexto subsequente* e *classe morfológica*. O apagamento do *r* apresenta maior probabilidade de ocorrência, nesses dados, quando o contexto fonológico que o segue é uma consoante (0,57), e a queda é inibida diante de pausa total (0,31). Sobre a *classe morfológica*, fica claro que os verbos favorecem o apagamento, com 0,56 de aplicação *versus* 0,32 nos nomes. Esse resultado para *classe morfológica* não impressiona, visto que a distinção entre verbos e nomes já foi verificada por vários outros autores, conforme já mencionamos.

Além do seu trabalho sobre a pronúncia do *r* em diferentes regiões do Brasil, Callou *et al.* (1998) realizaram um estudo mais específico sobre a vibrante, desta vez analisando o apagamento do *r* final no dialeto carioca, utilizando como *corpus* entrevistas gravadas do

Projeto *Norma Urbana Culta do Rio de Janeiro*. Através de um estudo de *tendências* (que utiliza uma nova amostra representativa) e em *painel* (que envolve o recontato com os mesmos falantes em período posterior), conforme a metodologia proposta por Labov (1994), os autores tentam demonstrar que o apagamento do *r* não corresponde, na fala culta, a um padrão de mudança em progresso, mas sim de gradação etária.

Utilizando a metodologia da sociolinguística quantitativa laboviana, é feita uma análise do fenômeno em tempo aparente e em tempo real de curta duração, para verificar se o processo de apagamento do *r* representa variação estável ou se existe mudança em andamento. Para tanto, são analisados três conjuntos de dados do Projeto NURC coletados em duas épocas diferentes, sendo os informantes estratificados em três faixas etárias: 25 a 35 anos; 36 a 55 anos e 56 anos em diante.

O primeiro conjunto de dados (66 informantes, sendo 33 homens e 33 mulheres) foi gravado no início da década de setenta; o segundo e o terceiro, na década de noventa. O segundo conjunto foi composto por alguns dos mesmos informantes do *corpus* anterior (10 informantes, sendo cinco homens e cinco mulheres), e o terceiro, por uma nova amostra composta de 18 informantes (9 homens e 9 mulheres). As variáveis linguísticas e sociais analisadas foram *tamanho do vocábulo*, *contexto precedente*, *ponto e modo de articulação do segmento seguinte*, *pausa subsequente*, *classe morfológica*, *item lexical*, *acento lexical e acento frasal*, *faixa etária e sexo*.

A intenção dos autores era verificar duas propostas referentes ao apagamento do *r*, quais sejam, uma mudança completa no sentido da perda do segmento ou de sua recuperação. Para isso, é feita uma análise em tempo aparente e em tempo real, através de um estudo em painel (*panel study*), e de um estudo de tendências (*trend study*). Eles nos explicam que a concepção de mudança laboviana parte do pressuposto de que é possível captar mudanças em progresso através da análise distribucional-quantitativa de variáveis em diferentes faixas etárias – o que se convencionou chamar análise em tempo aparente; entretanto, a distribuição por faixas etárias “*pode não representar mudanças na comunidade, mas sim constituir um padrão característico de gradação etária que se repete a cada geração*” (p. 65) Por isso, eles

chamam atenção para o fato de que devemos buscar a solução dos problemas encontrados na interpretação dos dados em tempo aparente nas observações feitas em tempo real.

Na análise dos dados, o primeiro grupo selecionado em todas as amostras foi a *classe morfológica*. Esse é um resultado que também esperamos, pois sabemos que a perda do *r* é mais freqüente nos verbos. Os verbos tiveram 0,70, 0,77 e 0,82 de apagamento (respectivamente, na amostra da década de 70, na do recontato e na nova amostra, as duas últimas da década de 90). Nos não-verbos, em que o *r* não carrega informação morfológica, os pesos relativos foram de 0,32, 0,39 e 0,33. Os autores ressaltam que, em todas as amostras, nomes e verbos foram analisados separadamente. Eles explicam que, se os nomes não fossem separados dos verbos, a seleção dos grupos de fatores significativos não refletiria corretamente os ambientes condicionantes do apagamento do *r*. Além disso, as ocorrências do pronome *qualquer* foram desconsideradas, visto que a omissão do *r* foi quase categórica (99%) nessa palavra.

Analisando os dados relativos aos verbos, no estudo em tempo aparente, os autores nos mostram, através de curvas de distribuição, que há uma variação estável, para os homens, tanto na década de setenta quanto na década de 90. Eles ressaltam que os falantes mais jovens não modificam o seu comportamento no curso dos anos, mas o segundo e o terceiro grupos apresentam comportamentos opostos: na década de 70, o peso relativo diminui da terceira para a segunda faixa etária e aumenta da segunda para a primeira. Já na década de 90, há um aumento da terceira para a segunda faixa etária e um decréscimo da segunda para a primeira. Sobre esse resultado, os autores afirmam:

“Uma provável explicação para esse aumento na segunda faixa – que coincide, no Brasil, com a senioridade na vida profissional – é a de o apagamento do /r/ não ser mais uma pronúncia estigmatizada, ao menos nos verbos (...)” (p.69)

Segundo os autores, nos não-verbos, as curvas de distribuição indicam uma mudança em curso, embora haja uma diminuição no uso da regra de apagamento entre os falantes mais jovens da década de 70 para a de 90. Para as mulheres, as curvas de distribuição indicam mudança em progresso tanto para verbos quanto para não-verbos.

No estudo em tempo real, a comparação dos dados dos mesmos informantes do sexo masculino em dois momentos distintos evidenciou que o comportamento não é o mesmo ao longo da vida; há um avanço da queda do *r* tanto em verbos quanto em outras categorias, exceto, na última faixa etária, nos verbos. A comparação das amostras das décadas de 70 e 90 com informantes diferentes indica que a população feminina continua a implementar a regra de apagamento, havendo um aumento dos pesos relativos com o passar do tempo; em relação aos homens, contudo, há indícios de perda do processo do apagamento do *r*.

Sobre a tendência a eliminar a vibrante final, os autores constataam que a vibrante pós-vocálica é muitas vezes tão débil que pode desaparecer quando seguida de pausa e chegam à conclusão que as variantes mais freqüentes no dialeto carioca, em posição final de vocábulo, seriam a fricativa aspirada e o zero fonético, e a realização padrão em outros contextos corresponderia à variante fricativa velar surda.

Os resultados encontrados por Callou *et al.*, bem como os de outros estudos sobre o mesmo fenômeno em outras localidades do país, poderão ser bastante elucidativos para o desenvolvimento da nossa pesquisa. Tornar-se-á possível, por exemplo, estabelecer uma comparação entre os resultados, o que permitirá que se tenha uma visão sobre o fenômeno de apagamento do *r* não apenas em âmbito regional, mas que se verifiquem tendências de uso da variante no Brasil como um todo.

Dentre os estudos sobre a vibrante realizados no Rio Grande do Sul, destacamos o de Marquardt (1977). No seu trabalho, Marquardt trabalhou com dados obtidos de entrevistas com homens e mulheres residentes em quatro localidades do Rio Grande do Sul – Porto Alegre, Lajeado, Veranópolis e Uruguaiana – todos com instrução de primeiro grau completo ou incompleto. Seus objetivos eram 1) verificar a existência da articulação alveolar da vibrante no estado, apresentando as outras variantes existentes; 2) estudar fenômenos de interferência lingüística, como a influência do espanhol no português; e 3) relacionar os dados com fatos da evolução lingüística. Ela lembra que, por ser o Rio Grande do Sul um estado limítrofe de países de língua espanhola, é interessante para o pesquisador identificar a penetração de

castelhanismos no nosso falar. As variáveis investigadas foram região, posição da vibrante na palavra, sexo e situação (teste ou fala livre).

A autora ressalta que a articulação alveolar não é a única existente e que as variantes se distribuem diferentemente de acordo com as regiões geográficas e a posição da vibrante no contexto fonológico. Ela observou que a vibrante alveolar se manteve menos nos dados de Porto Alegre do que no interior do estado. Conforme a autora, esse fato pode estar relacionado à hipótese de Camara Jr. (1977), que se refere à tendência de uma passagem gradual da articulação anterior para posterior. Trataremos dessa questão no capítulo 3, ao apresentarmos nossos resultados.

Os resultados relativos aos informantes de Porto Alegre, referentes ao que Marquardt denominou *regra 1*, ou seja, a passagem de vibrante para não-vibrante, indicam que essa passagem apresentou uma probabilidade de 0,06 em fim de sílaba interna, 0,22 em fim de forma não verbal e 0,72 em fim de forma verbal. Entre homens e mulheres, o peso foi de 0,39 e 0,70 respectivamente, ou seja, os homens tendem a preservar mais a vibrante.

Quanto à passagem da não-vibrante para fricativa (*regra 2*), os resultados indicam que, em fim de sílaba interna, houve uma taxa de 0,76 de aplicação; já em fim de forma não-verbal e verbal, os números foram 0,05 e 0,002. As mulheres favoreceram nitidamente a aplicação da regra, com 0,86 *versus* 0,13 para os homens.

Sobre o apagamento da vibrante, a autora diagnosticou que esse fenômeno “*ocorre apenas em fim de palavra e a forma verbal favorece mais a aplicação da regra*” (89,98%, com probabilidade de 0,99 em fim de forma verbal, e 36,92% em fim de forma não-verbal, com probabilidade de 0,94. Ela explica que o peso relativo de 0,94 para final de formas não-verbais foi falsificado para aplicação do programa VARBRUL). Além desses números, destacamos os resultados de apagamento encontrados por Marquardt (1977) para a variável sexo: 0,87 entre os homens e 0,12 entre as mulheres, com os homens nitidamente favorecendo a omissão da vibrante.

O trabalho de Marquardt pode contribuir para um estudo atual da realização do *r* no Rio Grande do Sul porque será possível traçar um paralelo entre os dados encontrados pela autora há mais de vinte anos e os dados do Projeto VARSUL. Além disso, poderemos verificar se, como afirma a autora, existe realmente a tendência da passagem da articulação anterior para a posterior da vibrante – afirmação que provavelmente não se adequa à realização do *r* em posição pós-vocálica – o que viria a confirmar a referida hipótese de Camara Jr.

Monaretto (1992) já encontrou, em sua análise, o *r* retroflexo em comunidades de fala distintas daquela pesquisada por Cagliari (1981), que estudou o dialeto paulista. Ela estuda a articulação da vibrante como posterior ou anterior no português do Rio Grande do Sul, voltando sua atenção sobretudo para seu *status* fonológico. Utiliza um *corpus* constituído por amostras de fala de informantes de quatro regiões do estado (capital, fronteira, zona de colonização italiana e alemã), e a análise dos dados é feita segundo a metodologia variacionista laboviana e a fonologia não-linear.

Em uma segunda investigação sobre a vibrante, cujo objetivo é investigar o comportamento fonético e fonológico dos sons de *r* e discutir o *status* da vibrante no sistema, Monaretto (1997) mostra resultados que indicam ser o tepe a realização preferida na Região Sul, defendendo a idéia de ser essa a forma subjacente da vibrante. Neste trabalho, a autora analisa de fala de 12 informantes das três capitais da região – Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre –, trabalhando com as variáveis *posição na sílaba*, *contexto precedente*, *contexto seguinte*, *acento*, *velocidade da fala*, *sexo*, *idade* e *escolaridade*. Julgamos importante comentar que o trabalho de Monaretto (1997), assim como o de Callou *et al.* (1996), conta com apenas um informante para cada célula social, o que pode implicar limitações na análise dos resultados.

A variante *zero*, ou seja, a omissão da pronúncia de *r*, não foi considerada neste trabalho, pois, segundo a autora,

“essa variante exigiria investigar a interferência de fatores condicionantes diferentes dos que são levados em consideração nas demais variantes, foco deste estudo.” (p.18)

A análise da vibrante nas três regiões estudadas demonstrou que o tepe foi a variante mais usada, correspondendo a 40% das ocorrências, seguido da vibrante posterior (39%), da anterior (16%) e por fim da retroflexa (5%). Além disso, Porto Alegre apresentava a maioria dos tepes encontrados no estudo - 52% -, em contraste com as outras variantes, para as quais Porto Alegre apresentou 32% dos casos de vibrante anterior, 28% dos casos de vibrante posterior e 21% dos casos de retroflexo. Cabe ressaltar também que, enquanto o tepe é a variante mais freqüente em Porto Alegre, a vibrante posterior é mais comum em Florianópolis, e as ocorrências de retroflexo foram encontradas principalmente em Curitiba. Os dados revelaram também que em Porto Alegre as quatro variantes do *r* são utilizadas.

Os dados de Porto Alegre relativos à *posição da vibrante* demonstraram que, na coda silábica, o tepe corresponde a 86% das ocorrências, contra 9% das ocorrências da vibrante anterior, 4% da retroflexa e 1% da posterior.

Os pesos relativos para o grupo de fatores *contexto precedente* foram bastante baixos ou quase neutros (em torno de 50%), “*confirmando sua pouca importância*” (p.93). Embora os índices para esse grupo de fatores não sejam muito significativos, segundo a autora, ela ressalta que a vogal coronal (*verde*) favorece mais o tepe (0,58) do que a vibrante anterior (0,41). Já a vogal dorsal (*porta*) favorece mais a vibrante anterior (0,54) do que o tepe (0,46).

No contexto seguinte, a consoante homorgânica ao *r* apresentou peso de 0,63 para a aplicação do tepe e 0,20 para a vibrante posterior. Além disso, a consoante não homorgânica demonstrou certa influência sobre a realização da posterior (0,62), a vogal destacou-se com 0,62 para o tepe e apenas 0,36 para a retroflexa e a pausa favoreceu a retroflexa (0,75) e desfavoreceu a vibrante anterior (0,39).

A variável *acento* foi selecionada apenas para a retroflexa e o tepe, e os resultados revelaram que o tepe ocorre menos em sílaba acentuada (0,44) do que em sílaba não-acentuada (0,56); ao contrário, para a vibrante retroflexa os dados foram invertidos: essa vibrante é favorecida pela sílaba tônica (0,56) e desfavorecida pela átona (0,44).

Sobre a variável *sexo*, as considerações feitas por Monaretto revelam que – tanto em ataque quanto em coda silábica – as mulheres utilizam mais a vibrante posterior do que a anterior (0,32 *versus* 0,21), enquanto os homens inclinam-se para a vibrante anterior (0,27 *versus* 0,18). Além disso, verificou-se que a vibrante retroflexa é preferida pelos homens (0,34 *versus* 0,17), e que o tepe é mais utilizado pelas mulheres (0,29 *versus* 0,20). Infelizmente, a falta de uma análise isolada do uso do *r* pós-vocálico pelos diferentes sexos não permitirá uma comparação com nossos resultados sobre essa variável.

O cruzamento dos fatores *escolaridade* e *posição na sílaba* confirmou a predominância do tepe na coda silábica, com 58% de aplicação entre os informantes de nível primário, 64% entre os informantes de nível ginásial e também 64% entre os informantes com segundo grau. A vibrante anterior apresentou, respectivamente, para primário, ginásio e segundo grau, 5%, 12% e 5%; a posterior, 27%, 13% e 29%. Por fim, a vibrante retroflexa apresentou, nesse cruzamento, 10% de aplicação para primário e ginásio e 2% para segundo grau. Esse resultado parece indicar ser a vibrante retroflexa uma variável estigmatizada socialmente.

A última variável estudada por Monaretto – a variável *velocidade da fala* – revelou que a vibrante retroflexa ocorre preferencialmente em fala rápida (0,60). Por outro lado, a vibrante posterior apresenta maior incidência quando em ritmo moderado. Sobre a vibrante retroflexa, a autora ressalta que, devido ao seu pouco uso, não é possível fazerem-se generalizações sobre o seu comportamento.

Em estudo recente realizado em 2000, Monaretto investigou o apagamento da vibrante pós-vocálica nas três capitais da região sul. Nessa pesquisa, ela utilizou como *corpus* 36 entrevistas do Projeto VARSUL, distribuídas por localidade (Porto Alegre, Florianópolis e

Curitiba), escolaridade (primeiro e segundo graus), idade (25 a 39 anos, 40 a 54 anos e acima de 55 anos) e sexo.

As variáveis lingüísticas examinadas por Monaretto (2000) foram *posição da vibrante na palavra* (medial ou final), *contexto precedente* (vogal anterior ou vogal posterior), *contexto seguinte* (consoantes oclusivas, fricativas, nasais, laterais, vibrantes, africadas, vogais ou pausa), *classe morfológica* (verbos: conjugados ou no infinitivo; não-verbos: substantivos e adjetivos; e outras palavras: advérbios, conjunções, preposições e pronomes), *função do r* (morfêmico e não-morfêmico), *dimensão da palavra* (monossílabo, dissílabo, trissílabo e polissílabo), *acento e ritmo*.

Na análise estatística de todos os dados reunidos (sem distinção entre posição medial e final), a variável classe morfológica foi selecionada em primeiro lugar pelo programa VARBRUL. Isso não é surpreendente, pois já é sabido que a taxa de omissão da vibrante em verbos é muito expressiva, o que certamente motivou esse resultado. Nos dados de Monaretto (2000), o apagamento do *r* em verbos ocorreu em 81% das ocorrências, com peso relativo de 0,88. Nas palavras funcionais, como preposições, pronomes, conjunções e advérbios, o apagamento foi de 20% e peso relativo de 0,29. Por fim, em não-verbos, o apagamento foi de apenas 5%, com peso relativo de 0,09.

A variável *função do r* também foi selecionada na análise estatística. Segundo a autora,

“o apagamento do /r/ ocorre geralmente quando constituir morfema (escolar, quiser), ou quando fizer parte de um morfema (computador, construtor) com 87% de frequência e com peso relativo .90” (p.279).

Em uma análise separando verbos de não-verbos, considerando primeiramente os resultados para *verbos*, a autora chega às seguintes conclusões: há maior queda de *r* nos infinitivos do que em não-infinitivos; o apagamento é quase categórico em final de palavra; a queda do *r* é mais freqüente na fala de informantes jovens, *“ou seja, evidencia-se um processo de mudança em progresso”* (p.280).

Em não-verbos, ela constata que a dimensão do vocábulo é importante, pois a queda é mais baixa em monossílabos, como também verificou Votre (1987). Ela chama atenção também para o fato de o *r* ser mais omitido em sílaba não acentuada, “isto é, é mais comum dizer açúca, revóvi do que calô, doutô” (p.281).

Quanto à *posição da vibrante na palavra*, Monaretto (2000) aponta um maior apagamento em posição final, “que se apresenta com uma diferença significativa em relação à *posição medial*.” (p. 282) Todavia, a autora não esclarece se, nessa análise, ela está considerando todos os contextos em que aparece o *r*, ou se está distinguindo verbos de não-verbos. Caso a análise considere os diferentes contextos, parece haver nesse resultado uma forte influência dos infinitivos verbais, nos quais, como já sabemos, a vibrante apresenta um grande percentual de apagamento. Portanto, para se fazer uma análise mais adequada da variável *posição*, sem que se corra o risco de lidar com resultados enviesados, é necessário considerar apenas os casos de *r* presentes em não-verbos.

Ainda nesse estudo, Monaretto ressalta a diferença entre as variantes do *r* pós-vocálico utilizadas no dialeto da região Sul, em comparação com o dialeto carioca, por exemplo. No dialeto do sul, há predomínio do tepe e da vibrante alveolar, enquanto no Rio de Janeiro são as variantes posteriores as mais comuns. Por fim, a autora afirma que, pelo fato de haver mais casos de não-apagamento do que de apagamento na fala das capitais da região Sul (considerando uma análise de todos os dados, indistintamente), essa região tende a preservar a estrutura silábica em final de palavra. “Com isso, pode-se concluir que o Sul do Brasil é uma região conservadora.” (p.282)

2. Metodologia

Apresentaremos, neste capítulo, os procedimentos metodológicos da análise de dados, demonstrando, inicialmente, o funcionamento do banco de dados do projeto VARSUL e, a seguir, expondo os grupos de fatores que fizeram parte de nossa pesquisa. Por fim, são feitos alguns comentários sobre a análise quantitativa dos dados.

2.1 Amostra e coleta de dados

A pesquisa seguirá a metodologia da sociolinguística variacionista laboviana e contará com um *corpus* composto por entrevistas extraídas do projeto *Variação Linguística Urbana na Região Sul*. Esse projeto está sendo implementado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Universidade Federal do Paraná (UFPR) desde 1988 e teve, inicialmente, como objetivo central, criar um banco de dados linguísticos de localidades significativas dos três estados da Região Sul. Atualmente, as equipes trabalham em duas direções: analisando os dados já existentes e ampliando a coleta segundo parâmetros específicos (escolaridade superior, por exemplo).

No caso específico do Rio Grande do Sul, o banco de dados VARSUL conta com entrevistas de falantes representativos de três importantes imigrações – açorianos, alemães e italianos. Além dessas imigrações, houve a preocupação em representar as populações das áreas de fronteira com a Argentina e o Uruguai. Desse modo, percebe-se que a seleção das cidades foi baseada na formação cultural do estado, tendo sido escolhida Flores da Cunha como localidade representativa da colonização italiana, Panambi, como cidade de colonização alemã, São Borja, representando a colonização fronteiriça e, finalmente, Porto Alegre,

representando a colonização açoriana¹, tendo sido selecionada esta última cidade também por ser a capital do estado, bem como o centro urbano e cultural mais importante. Além da distinção geográfica, os informantes que compõem o banco de dados VARSUL são diferenciados por três outros grupos de fatores extralingüísticos: idade (vinte e cinco a cinqüenta anos e mais de cinqüenta anos); escolaridade (até cinco anos de escolaridade, entre oito e nove anos de escolaridade e até doze anos de escolaridade); e sexo (feminino e masculino). Para o presente estudo, utilizamos vinte e quatro entrevistas do projeto VARSUL, todas elas da localidade de Porto Alegre.

A consolidação do Bando de Dados do Projeto VARSUL foi exposta em um seminário internacional realizado em 1996, na UFRGS, intitulado *I Encontro de Variação Lingüística do Cone Sul*.

Os vinte e quatro informantes que compõem o *corpus* da nossa pesquisa são diferenciados por *sexo, idade e escolaridade* (primário, ginásio e segundo grau), sendo esses três os fatores extralingüísticos que caracterizam a amostra do banco de dados VARSUL. Incluímos, também, em nosso estudo, a variável *classe social*, recentemente constituída, sobre a qual trataremos mais detalhadamente no item 2.3.4. A análise dos dados será feita de acordo os postulados da teoria sociolingüística.

As entrevistas, com duração média de sessenta minutos, são individuais e foram realizadas sempre por dois entrevistadores treinados pela equipe do Projeto VARSUL. Nessas entrevistas, buscou-se minimizar o efeito negativo causado pela presença do pesquisador, abordando-se assuntos do cotidiano das pessoas entrevistadas, devido ao fato de ser o escopo da teoria sociolingüística o estudo da língua falada em situações espontâneas de comunicação – o *vernáculo*. As entrevistas eram baseadas em um roteiro de tópicos, mas buscava, tanto quanto possível, uma conversa descontraída e a elicitação de narrativas de experiência pessoal.

¹ Em Porto Alegre, há uma grande confluência de etnias, com forte contribuição de alemães e italianos no século XIX. Além disso, a partir da segunda metade do século XX, há um grande incremento populacional resultante do êxodo rural, o que dá uma feição cosmopolita à cidade.

2.2 Dados histórico-geográficos da região estudada – Porto Alegre

Em 1700, bandeirantes paulistas chegaram à zona costeira do atual estado do Rio Grande do Sul, que até então era povoado por alguns grupos de indígenas. Esses bandeirantes deram início a pequenas povoações, entre as quais Viamão, que despertou o interesse da colonização portuguesa. Porto Alegre, por sua vez, começa sua história com o bandeirante Jerônimo de Ornelas, proveniente de São Paulo, que estabeleceu sua estância na região onde atualmente se situa a cidade de Porto Alegre. O povoado de Jerônimo de Ornelas, juntamente com os sessenta casais açorianos que vieram para Viamão em 1752, começou a se expandir, até transformar-se em vila. Em 1772, em face do crescimento populacional do núcleo, esse povoado se torna a Freguesia de Nossa Senhora de Madre Deus do Porto dos Casais; no ano seguinte, esta passou a ser a capital da Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul. O povoado foi elevado à vila em 1810 e, em 1882, à cidade.

De acordo com o censo demográfico de 1990, Porto Alegre possuía, na época da coleta de dados, uma extensão territorial de 489 Km² e uma população de 1.330.369 habitantes.

2.3 As variáveis sociais

Segundo Paredes da Silva (1992:33), a primazia dos condicionadores sociais nos estudos sociolinguísticos se deve ao fato de esses fatores assinalarem uma postura teórica oposta à idealização gerativista, mostrando o comportamento de um falante/ouvinte real, em uma comunidade linguística nem homogênea, nem tampouco estável. O escopo dos estudos baseados em variáveis sociais, e não apenas linguísticas, é, pois, quantificar essas influências de caráter externo à língua, aferindo com precisão o peso de cada tipo de condicionamento.

Em particular, conforme já estabelecido, a realização do *r* em posição pós-vocálica e a sua omissão no mesmo contexto são os objetos de estudo deste trabalho. A partir da observação da fala dos informantes da amostra, de resultados encontrados em trabalhos anteriores sobre o mesmo tema e de dados extraídos da literatura, definiram-se os possíveis condicionadores desse fenômeno, que serão expostos a seguir.

2.3.1 Sexo

A escolha do fator sexo fundamenta-se na literatura sobre teoria da variação e também em estudos anteriores realizados por uma equipe de bolsistas do projeto VARSUL sobre fenômenos de variação observados na fala de Porto Alegre e Flores da Cunha (região de colonização italiana do estado). Tais trabalhos¹, desenvolvidos durante os anos de 1994, 1995 e 1996 e apresentados nos salões de Iniciação Científica dos respectivos anos, apontaram a grande relevância desse fator nos estudos de Variação Lingüística, bem como, no caso, a tendência feminina a aderir às variantes mais inovadoras.

É preciso lembrar, ainda, as tendências sobre a variável sexo que vêm sendo discutidas na literatura. A primeira explicação seria que, em variação estável, as mulheres tendem a utilizar mais as formas de prestígio; já em caso de mudança, elas tendem a liderar a inovação.

1. Os trabalhos mencionados foram apresentados no VI, VII e VIII Salão de Iniciação Científica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul nos anos de 1994, 1995 e 1996 por bolsistas do Projeto VARSUL e foram coordenados pela Professora Clarice Bohn Knies. Seguem-se os títulos dos trabalhos e seus respectivos autores.

-“*Palatalização das oclusivas dentais – um fenômeno de variação lingüística*” (Hilaine Gregis, Maria Rosane Medeiros, Denise Menezes, Clarice Bohn Knies)

-“*O papel do sexo na retenção da oclusiva dental diante de [i] em Flores da Cunha*” (Hilaine Gregis, Carla Elsuffi Borges, Clarice Bohn Knies)

-“*Alternância entre os ditongos nasais [ãw] e [õw] na zona de colonização italiana do Rio Grande do Sul*” (Hilaine Gregis, Carla Elsuffi Borges, Clarice Bohn Knies)

Então, caso seja o apagamento do *r* pós-vocálico um processo de mudança em curso, espera-se que as mulheres favoreçam o apagamento – a forma inovadora. Nesse sentido, poderíamos dizer que a omissão do *r* já é tão comum – sobretudo nos infinitivos verbais – que não é mais considerada estigmatizada, tendo sido criada uma nova norma.

No entanto, é preciso considerar que, se o fenômeno for simplesmente um caso de variação estável na comunidade e a manutenção da vibrante for mais prestigiada socialmente – tendo em vista sua relação direta com o português padrão –, as mulheres deverão omitir o segmento menos do que os homens. Como exemplo, podemos citar o estudo sobre a presença ou ausência de *r* pós-vocálico no inglês nova-iorquino realizado por Labov (1966). Nesse caso, a pronúncia de maior prestígio e também a forma inovadora – aquela que privilegia a manutenção do *r*, padrão em Nova Iorque – é preferida pelas mulheres. Outro exemplo elucidativo é encontrado no estudo feito por Milroy (1980) em Belfast. Pesquisando a manutenção e omissão de *th* em palavras como *mother e brother*, ela percebeu que as mulheres se inclinavam, mais do que os homens, a utilizar a forma padrão (com *th*).

Paiva (1992:71) chama atenção para o fato de que o fator *sexo* pode ser bastante elucidativo quando relacionado a outros fatores sociais, tais como classe social e idade. Segundo ela, as diferenças de comportamento lingüístico entre homens e mulheres tendem a ser ainda mais evidentes na classe média baixa; além disso, a interação entre sexo e idade revela que as diferenças lingüísticas entre homens e mulheres são maiores nas faixas etárias mais avançadas.

O argumento de Paiva a respeito da interação entre sexo e classe social, que consideramos procedente, é coerente com o de outros lingüistas, tais como Oliveira (1983:237). Ele fala sobre a inadequação de se olhar o fator *sexo per se*, visto que, dependendo da estrutura social, homens e mulheres podem ter comportamentos distintos. Em certas sociedades, por exemplo, mulheres podem ter uma maior mobilidade social do que homens, enquanto em outras pode ocorrer justamente o contrário, que é o que ocorre em larga escala no Brasil. Então, é muito importante considerar que o que determina se homens ou

mulheres lideram certo processo de mudança é o papel que eles exercem em cada comunidade específica. Isso demonstra que, em estudos sociolinguísticos, sexo não pode ser visto, de acordo com Eckert (1989:212-18), como uma categoria binária, meramente biológica, que determina, independentemente de outros fatores, comportamentos linguísticos distintos. Inclusive, segundo esta autora, essa “naturalização” das categorias de sexo verificada na literatura é uma das responsáveis pela falta de sucesso de certas análises sociolinguísticas.

Essa noção de que o fator sexo não pode ser visto isoladamente, já defendida por Labov (1990), é também verificada no estudo de Haeri (1996). Investigando processos de anteriorização e posteriorização de vogais no árabe falado no Cairo, ela ressaltou que as diferenças entre homens e mulheres são resultados das diferenças de aparelho fonador e fatores sociais que operam simultaneamente. Além disso, ela afirma que, para cada caso particular, o comportamento linguístico de mulheres e de homens exige uma explicação (p. 102). Nesse sentido, devemos ter muita cautela, como nos sugere Eckert (1989), antes de fazermos afirmações do tipo “*mulheres utilizam mais variantes de prestígio*”.

Portanto, ao analisarmos os efeitos do fator sexo no fenômeno em estudo, precisamos ter em mente as diferentes considerações já feitas até o momento sobre essa variável extralinguística. Antes de fazermos quaisquer generalizações, não podemos esquecer que, em “*Sociolinguistic patterns*”, Labov considerou especulativas certas explicações atribuídas ao comportamento diferenciado entre homens e mulheres, e que ainda hoje as explicações para essas diferenças geram dúvidas entre os linguistas. Guy (2001:13) também nos lembra que a maioria dos estudos realizados apontam a mulher como mais inovadora do que o homem, mas salienta que há casos claros em que o homem está liderando o processo de mudança, e outros, ainda, em que não há distinção linguística aparente entre os diferentes sexos.

2.3.2 Idade

Guy (2001:11) afirma que

“a característica mais sistemática da distribuição social das mudanças em progresso é que as inovações lingüísticas são mais avançadas entre as gerações mais jovens”.

De acordo com essa afirmação e também com outras referências retiradas da literatura sociolingüística, esperamos que informantes mais jovens apliquem com maior frequência a regra de omissão do *r* pós-vocálico, visto ser esta uma característica inovadora na língua portuguesa, conforme apontam vários autores (Oliveira, 1983; Callou *et al*, 1998; Monareto 2000). Nesse sentido, realizaremos um estudo em *tempo aparente*, de acordo com a metodologia de Labov (1994), verificando o comportamento lingüístico de falantes de duas faixas etárias diferentes (mais de 50 anos e menos de 50 anos).

Labov (1994) observa que não é tão simples verificar mudança lingüística em estudos quantitativos. Se o objetivo é fazer um estudo em tempo real, temos que localizar os mesmos falantes tempos depois (*panel study*) – o que nem sempre é possível –, ou temos que construir uma segunda amostra representativa (*tendency study*). Ele afirma ainda que raramente se dão as condições para um estudo quantitativo dessa natureza. Isso ocorre porque os *panel study* são caros e poucos órgãos financiadores apóiam um projeto durante muito tempo; além disso, não há garantia de localização dos mesmos informantes. Quanto ao *tendency study*, ele considera que é raro encontrar pesquisadores interessados nos mesmos problemas durante vários anos. Com base nessas considerações, Labov sugere que se siga a pista da mudança em *tempo aparente*, ou seja, a distribuição das variáveis lingüísticas por níveis de idade. Também Guy *et al.* (1986) afirmam que é indispensável ter outros tipos de evidência de mudança para se poder asseverá-la; em outras palavras, apenas evidências em tempo aparente não são suficientes.

Não podemos esquecer, contudo, uma importante consideração feita pelo autor a respeito dos estudos em tempo aparente, qual seja, a de que uma visão clara da mudança em *tempo aparente* requer uma análise multivariada, que leve em conta o efeito de outros fatores sociais (p.123).

Pretendemos verificar se a queda do *r*, bem como a escolha do falante por variantes mais fracas, são de fato preferidas por falantes de menor faixa etária. Caso se confirme a hipótese de que a regra de apagamento predomina entre falantes mais jovens, esse resultado poderá ser o indicativo de uma mudança em andamento no português do Brasil, conforme sugere Oliveira (1983). Cabe lembrar que, de acordo com Labov (1983:74 -75), uma mudança em andamento raramente representa a substituição completa de uma forma por outra. Ao contrário, o que geralmente ocorre é uma mudança na frequência relativa das variantes e em suas restrições ambientais. Então, como não há substituição completa, ainda se espera a ocorrência, embora em pequena escala, de *r* em final de infinitivos na fala dos informantes, sobretudo mais velhos. O fato de o segmento ainda ser pronunciado nesse contexto não significa, necessariamente, que o processo de mudança ainda não tenha se instituído na língua.

2.3.3 Escolaridade

O fator grau de escolaridade – subdividido em primário, ginásio e segundo grau¹ – pode ser importante para um estudo de variação porque permite investigar até que ponto o prestígio de certas variáveis lingüísticas inibe o processo de mudança e também porque possibilita, de certa forma, verificar a estratificação social das variáveis. Segundo Kroch (1978), dialetos populares demonstram uma maior suscetibilidade ao condicionamento fonético. Isso se deve justamente à menor pressão exercida pela norma culta, que tem como importante veículo o ensino escolar.

¹ No Projeto VARSUL, usamos, arbitrariamente, por convenção dentro do projeto, os rótulos *primário*, *ginásio* e *segundo grau*, que não correspondem aos graus de escolaridade atuais. O mais adequado seria falar em tempo de escolaridade (4-5 anos; 8-9 anos; 11-12 anos).

Kroch (1978:344) afirma que

“(...)numa comunidade estratificada, o dialeto que tem prestígio público, de elite, difere sistematicamente do dialeto das camadas que não são elite pelo menos no aspecto fonológico. Em particular, o dialeto de prestígio tipicamente resiste aos processos normais de condicionamento fonético (...) que a fala das demais camadas regularmente apresenta.”

Se, como sugere Kroch, a elite realmente impede que processos fonológicos se efetivem, então esperamos que a manutenção do *r* prevaleça entre informantes de maior escolaridade ou nível social mais elevado, caso se trate de um fenômeno fonológico. Resultado semelhante foi encontrado por Guy (1981), que mostra ser o apagamento de *s* português mais comum nas classes mais baixas, que são mais inovadoras, ao contrário das classes mais altas, que são mais conservadoras.

Também no estudo de Votre (1987) podemos observar essa tendência: os universitários contribuíram com 0,64 para a preservação da vibrante, em oposição aos 0,36 dos alfabetizandos. Ele ressalta que *“a escola, o prestígio social e a influência da escrita (...) devem contribuir para essa tendência maior em preservar a vibrante final.”* (p. 80)

2.3.4 Classe social

Guy (1981:86) afirma que a distribuição social de uma inovação lingüística é de suma importância para o entendimento da relação entre o *status* sincrônico da linguagem e seu desenvolvimento histórico. A distribuição social das variáveis lingüísticas pode ser verificada a partir da escolaridade dos informantes, mas é preciso salientar que a instrução não é o único indicador de classe social. Nesse sentido, concordamos com Chambers (1995:36), que define classe social como *“a estratificação da sociedade baseada em similaridades ocupacionais, econômicas e educacionais.”* Por esse motivo, além do fator *escolaridade*, inserimos em nosso estudo uma nova variável – a variável *classe social* – que nos possibilitará uma melhor

estratificação dos informantes na hierarquia social e, por conseguinte, contribuirá para uma análise sociolinguística mais apurada.

Em uma primeira rodada feita com os dados de doze informantes de Porto Alegre, encontramos resultados curiosos em relação ao grau de instrução. Nossa expectativa era de que os informantes com primário aplicassem mais a regra de apagamento, seguidos dos informantes de ginásio e segundo grau, nessa ordem, pois, conforme já mencionamos, consideramos a manutenção da vibrante em contexto pós-vocálico – sobretudo em final de vocábulo – uma variante de prestígio na sociedade. No entanto, o que os dados nos mostraram foi uma “inversão” nos resultados de primário e ginásio (76% de apagamento entre os informantes com primário e 82% entre os informantes com ginásio) e uma diferença muito pequena entre os resultados de primário e de segundo grau, que teve um percentual de 75% de apagamento.

Além disso, uma leitura mais detalhada das entrevistas desses informantes nos atentou para a ocorrência, na fala de informantes com nível primário, de formas normalmente associadas à língua padrão, como o futuro do presente simples (POA 18, linha 84: *Se nós quisermos que isso aqui seja tudo florido, poderá ser...*), o uso do verbo *haver* com sentido existencial (POA 18, linha 199: *Então havia condições de eu trabalhar em construção.*), a ênclise pronominal (POA 01, linha 275 : *..armou-se o tempo e nos recolheram...*), entre outras. Essa verificação nos levou a buscar informações, nas entrevistas e fichas sociais, que permitissem uma formulação de indicadores sociais, tais como profissão, renda, bens materiais, acesso a bens culturais e escolaridade dos filhos, pois, como afirma Chambers (1995:40), “É necessário estabelecer um conjunto de critérios para ranquear indivíduos para descobrir o grupo social a que ele pertence.”

Paiva (1996) verificou que a variável *bens culturais* se mostrou relevante no estudo da queda do *r*. Ela percebeu que havia uma relação diretamente proporcional entre as probabilidades de ocorrência das variantes mais prestigiadas e a escala de distribuição dos falantes de acordo com bens culturais. Falantes que mais empregam a pronúncia não prestigiada situavam-se no nível 1 de acesso a bens culturais, e o emprego da vibrante

aumentava gradativamente à medida que se subia na escala (53%, 60%, 68% e 77%). Para estabelecer essa variável, Paiva se baseou nas informações adquiridas sobre o ambiente cultural dos falantes (acesso a cinema, teatro, literatura, etc. e postura diante dos programas de televisão).

Uma análise minuciosa de cada uma das entrevistas de Porto Alegre nos permitiu depreender, a partir do discurso dos falantes, dados relativos à sua profissão ou ocupação, à renda familiar aproximada e à escolaridade dos filhos ou de familiares próximos. A partir dessas informações, conseguimos formular nossa nova variável.

Infelizmente, informações relativas a bens materiais e acesso a bens culturais, que pretendíamos localizar nas entrevistas que compunham nosso *corpus*, não foram encontradas em todas as entrevistas. Isso impediu uma elaboração mais criteriosa da variável *classe social*, o que poderia enriquecer nossa discussão sobre a importância de dados extralingüísticos em estudos de variação. Sobre essa variável, Chambers (1995:36) afirma ainda que “*a noção de classe social é inerentemente vaga, sobretudo se comparada a outros dois fatores sociais, sexo e idade*”. Tendo em vista essa reconhecida dificuldade de se trabalhar com dados dessa natureza, apresentamos, a seguir, a formulação que constitui antes de tudo uma tentativa de apreender com mais precisão as características sociais dos falantes a fim de verificar a existência ou não de relações sistemáticas destas com o apagamento do *r*.

Para estabelecermos nossa nova variável, tivemos de, primeiramente, fazer uma leitura minuciosa de cada uma das vinte e quatro entrevistas que compunham o *corpus*. A partir dessa leitura, pudemos retirar todos os dados referentes :

- 1) à escolaridade dos filhos ou familiares próximos ao informante, pois acreditamos que a influência direta de pessoas da família seja um fator em certa medida relevante na maneira de expressão verbal dos indivíduos;

- 2) à renda familiar do informante, pois é sabido que, quanto mais alto o padrão econômico, maior é a facilidade de acesso a bens culturais, o que pode contribuir para o uso de formas mais prestigiadas;
- 3) à profissão ou ocupação do informante, pois acreditamos que atividades de cunho mais intelectual – que exijam, por exemplo, algum tipo de especialização ou mesmo a prática de leitura e a expressão verbal -, tais como atividades ligadas à área da educação, atendimento ao público, gerência etc., permitam aos indivíduos a ampliação de sua “competência comunicativa” e o uso flexível da linguagem segundo diferentes estilos. Entendemos por competência comunicativa “*a progressiva capacidade de realizar a adequação do ato verbal às situações de comunicação*” (Travaglia,1998:17).

Após essa coleta, as informações sobre cada um dos itens supramencionados foram hierarquizadas, de modo que pudéssemos estabelecer pesos diferentes para cada subitem. Assim, estabelecemos uma escala numérica para cada item. Por exemplo: o fator escolaridade teve cinco subdivisões, com os seguintes valores: 0 para informantes sem instrução, 1 para informantes com nível primário, 2 para informantes com ginásio, 3 para informantes com segundo grau¹ e 4 para informantes com grau superior. Cabe lembrar que somente a escolaridade dos familiares incluiu os valores 0 (sem instrução) e 4 (nível superior), visto que esses níveis de escolaridade não compõem as células sociais da parte inicialmente consolidada do Banco de Dados VARSUL. Além disso, a escolaridade dos familiares teve peso 0,5 na composição do índice final, enquanto a escolaridade do informante, a renda e a profissão tiveram peso 1.

A renda familiar foi dividida em menos de cinco salários mínimos e mais de cinco salários mínimos (respectivamente valores 0 e 1). Esse critério, além de já ter sido estabelecido pelo Projeto VARSUL para a categorização dos informantes por renda familiar, é sustentado por informação do IBGE, extraída de um artigo da revista *Fronteiras* (p. 16), de

¹ Lembramos que os termos primário, ginásio e segundo grau são rótulos utilizados pelo Projeto VARSUL, por convenção dentro do projeto, para indicar, respectivamente, 4 a 5 anos de escolaridade, 8 a 9 anos de escolaridade e 11 a 12 anos de escolaridade.

que 78% dos trabalhadores brasileiros recebe até 5 salários mínimos por mês. Essa parece ser, então, uma base razoável para a caracterização da pirâmide social do país. Segue, no anexo 1, a tabela com a distribuição dos trabalhadores brasileiros por faixa salarial.

Por fim, o grupo *profissão* foi definido em duas categorias distintas, subdivididas em duas categorias para *trabalhos manuais* e outras duas para *trabalhos intelectuais*. Baseamos em Chambers (1995: 37) ao estabelecer essa divisão entre trabalhos manuais *versus* intelectuais; segundo o autor,

“a maior divisão social em nações industrializadas é estabelecida entre pessoas que ganham a vida trabalhando com suas próprias mãos e aquelas que realizam trabalhos de escritório, administração e serviços(...) Um grande número de diferenças sociais normalmente segue esta linha: trabalhadores não-manuais normalmente têm mais anos de escolaridade, freqüentemente trabalham supervisionando trabalhadores manuais ou outros trabalhadores sem especialização e ganham mais dinheiro.”

Fica claro, então, de acordo com Chambers (1995), que a diferença entre trabalhos manuais e intelectuais se deve ao fato de que trabalhos não-manuais geralmente exigem maior escolaridade e oferecem maiores rendimentos, com a ampliação de contatos e vivências, de acesso a bens culturais, etc. Chambers (1995:43) apresenta, em sua obra, uma tabela com uma lista de 40 ocupações e seus respectivos índices socioeconômicos (ver anexo 2), na qual nos baseamos para a construção deste indicador em relação às profissões efetivamente incluídas na amostra.

Portanto, de acordo com o estudo de Chambers (1995), em nossa pesquisa, a categoria de trabalhos manuais recebeu valor 0 para profissões como a de agricultor, zelador, jardineiro, vigilante, entre outras, e valor 1 para profissões que, mesmo sendo manuais, requerem um certo treinamento, como eletricitista, costureira, garçom, operário em indústria, mecânico, etc. Já a categoria de trabalhos intelectuais recebeu valor 2 para atividades ligadas ao ramo do comércio, como vendedor e atendente, bem como para pequenos empresários ou proprietários de lanchonetes, lavanderias, etc. Para artistas, profissionais liberais, professores e gerentes ou administradores de lojas e empresas em geral, atribuímos o valor 3.

Essa hierarquização nos permitiu calcular valores referentes à nova variável para cada um dos informantes da amostra. Os índices finais foram interpretados segundo as seguintes faixas de uma escala:

A = classe média-alta – 8,5 ou mais;

B = classe média – 6 a 8;

C = classe trabalhadora – 3,0 a 5,5;

D = classe baixa – 0 a 2,5.

De fato, essa nova variável contribuiu para que pudéssemos ter uma noção mais clara da estratificação social dos informantes, conforme veremos no capítulo referente à discussão dos resultados. Cabe ressaltar aqui que o fato de essa variável incluir a informação sobre escolaridade geraria uma sobreposição das duas variáveis que impediria que fossem tratadas como independentes, o que seria condição necessária para serem incluídas simultaneamente na análise estatística. Então, após algumas rodadas preliminares, optou-se por discutir somente classe social, por ser significativa nas análises feitas, ao contrário de escolaridade, que nem sempre era selecionada.

2.4 As variáveis lingüísticas

Além das variáveis extralingüísticas, estudaremos também a possível influência de variáveis lingüísticas no processo. As variáveis analisadas serão *tipo de r*, *contexto precedente*, *contexto seguinte*, *categoria morfológica*, *tonicidade* e *posição morfológica*.

2.4.1 Tipo de *r*

Embora o foco de nosso interesse seja o processo de apagamento do *r* pós-vocálico tanto em interior quanto em final de vocábulo, consideramos importante também investigar se a modalidade de *r* mais freqüente nessa posição da sílaba apresenta alguma relação com a omissão do segmento vibrante.

A partir de estudos já realizados com dados de Porto Alegre (Marquardt, 1977; Callou *et al.* 1996; Monaretto, 1997), esperamos encontrar um maior índice de ocorrência da vibrante simples (tepe), em detrimento das demais variantes. Discutiremos, no capítulo referente à análise dos resultados, a provável relação dessa variante com o fenômeno de apagamento.

As variantes nesse grupo de fatores são tepe, vibrante anterior, vibrante posterior, vibrante retroflexa e apagamento do *r*¹.

¹ Para maiores esclarecimentos sobre a variável tipo de *r* e sobre as demais variáveis lingüísticas, ver arquivo de especificação de fatores no anexo 3.

2.4.2 Contexto precedente

Essa variável permitirá investigar se o tipo de vogal anterior ao *r* (anterior, central, posterior) influencia na sua manutenção ou queda. Callou *et al.* (1996:472) verificaram, nos dados de Porto Alegre extraídos do *Projeto Norma Urbana Culta* (NURC), que o tipo de vogal antecedente é atuante tanto no interior quanto no final de palavra, embora com comportamento diferenciado. Inclusive, no contexto final, a vogal antecedente foi o primeiro fator selecionado pelo programa VARBRUL. De acordo com esses autores, a relevância do fator *vogal antecedente* já era esperada, visto que as realizações em foco, na variável dependente, são distintas: vibrante simples, em posição medial, e zero fonético, em posição final. Nesse estudo, a vogal anterior foi a que mais favoreceu a queda do *r* em contexto interno (0,68), seguida da vogal posterior (0,47) e da vogal central (0,29). Em contexto final, a maior favorecedora foi a vogal central (0,69), seguida da anterior (0,58) e, por fim, da vogal posterior (0,14).

Para verificarmos a possível influência da vogal anterior no processo de realização do *r* pós-vocálico, analisaremos os dados da vibrante em posição interna para que não haja influência da categoria morfológica na interpretação dos resultados.

2.4.3 Contexto seguinte

Considera-se que o elemento seguinte – vogal, consoante, pausa – é importante para a realização do *r*. Segundo Marroquim (1945:41), na linguagem falada no nordeste, o *r* raramente se pronuncia quando se lhe segue uma palavra iniciada por consoante. Nascentes (1960:31) também menciona a tendência que apresentam as consoantes finais do português a se ligarem à vogal inicial da palavra seguinte, como em *amar a Deus* (*a-mára-deux*).

A propósito, a afirmação de Marroquim confere com o resultado encontrado por Callou *et al.* (1996:472); em seu trabalho, é feita uma distinção entre pausa total, vogal e consoante no contexto posterior ao *r* final. Porém, os resultados encontrados por Votre (1978:87) seguem uma outra linha: a presença de vogal no contexto seguinte não favoreceu a manutenção da vibrante, ao contrário do que esperava. Apenas no que concerne à pausa no contexto seguinte os resultados de Votre e Callou *et al.* foram semelhantes: ambos verificaram que a pausa favorece a retenção da vibrante.

Essa disparidade nos resultados encontrados em estudos anteriores nos despertaram o interesse em relação a essa variável. Nossa expectativa para os resultados de Porto Alegre, no entanto, vai ao encontro dos apontamentos de Nascentes (1960) e dos resultados obtidos por Callou *et al.*: maior apagamento diante de consoante e maior retenção diante de pausa e vogal. Além disso, faremos uma distinção entre as consoantes do contexto subsequente para verificar se, de acordo com o *OCP*, existe uma tendência maior de omissão diante de consoantes “semelhantes”, ou seja, que compartilhem com o *r* traços comuns. Segundo Roncarati (1992:40),

“segmentos sonoros tendem, por exemplo, a harmonizarem-se entre si, a contraporem-se com maior nitidez ou a permutarem de posição; podem ser substituídos, inseridos ou fundidos. Podem, também, sofrer modificações de força articulatória que vão do ensurdecimento, aspiração ou apagamento à sonorização.”

É possível, no caso do *r* em contato com uma consoante no contexto seguinte, que haja um processo assimilatório, em que um som se torna similar a outro ou é por ele influenciado.

Sobre a tendência à manutenção do *r* em final de palavra diante de vogais, acreditamos haver uma estreita relação desse processo com a estrutura silábica do português, em que prevalecem os contextos CV. Melhor dizendo, a retenção do *r* em final de vocábulo diante de vogal levaria à formação de uma nova sílaba padrão consoante/vogal.

2.4.4 Categoria morfológica

Assim como a omissão do fonema *r* ocorre em larga escala nos infinitivos verbais, bem como na primeira e na terceira pessoas do futuro do subjuntivo – possivelmente pelo fato de essas formas verbais serem marcadas em português tanto pela presença do /r/ final quanto pela tonicidade da sílaba que contém o segmento ([fa'lar] *versus* ['fala]), ou seja, por ter função informativa redundante nessa categoria morfológica – é possível que outras classes de palavras (substantivo, adjetivo, pronome) também favoreçam o seu apagamento.

Segundo Votre (1987;44), parece haver uma hierarquização de classes no que concerne à omissão da vibrante final, sendo os verbos os maiores favorecedores da aplicação da regra, seguidos de adjetivos e substantivos. É o que postula a hipótese da difusão lexical: há fenômenos lingüísticos que atingem primeiramente certas classes de palavras ou certos vocábulos, para posteriormente atingirem outras categorias.

Essa ordem verificada por Votre se deve, segundo ele, a um parentesco entre verbos e adjetivos, sendo estes considerados “predicadores”; por isso a posição intermediária de adjetivos entre substantivos e verbos. Além disso, acreditamos que certas palavras, em particular, terão um índice de apagamento bastante elevado, ao contrário de outras de sua mesma classe morfológica, como é o caso do pronome *qualquer*.

2.4.5 Tonicidade

Estudos na área de fonologia apontam a tonicidade como importante fator em vários fenômenos. Como exemplo, podemos citar o trabalho de Bisol (1981) sobre harmonização vocálica. Seguindo o paradigma de estudos já realizados, a sílaba tônica deveria restringir o

avanço do processo de omissão do *r* pós-vocálico, enquanto as sílabas átonas favoreceriam a perda do segmento.

Essa tendência de processos de redução ocorrerem mais em sílabas não acentuadas pode ser verificada, por exemplo, no sistema vocálico da maior parte dos dialetos do português do Brasil, em que em contexto de final de palavra existem apenas três vogais (/a/, /i/, /u/). No caso do *r* em final de palavra, entretanto, essa tendência não é tão evidente, tendo em vista a forte influência das formas verbais, que têm o *r* em sílaba tônica, no processo de apagamento. Nesse sentido, teremos de analisar separadamente os dados de *r* em verbos e em não-verbos para verificarmos se a tonicidade realmente influencia no processo de apagamento. Votre (1987) e Callou *et al.* (1996) verificaram que, nos nomes, o percentual de queda do segmento está diretamente relacionado à dimensão do vocábulo: quanto maior o número de sílabas da palavra, maior a taxa de apagamento. Por isso, criamos uma variável que dará conta não apenas da tonicidade da sílaba em que ocorre o *r*, mas também da quantidade de sílabas (palavras monossilábicas e polissilábicas).

2.4.6 Posição morfológica

Pretendemos verificar se a tendência à supressão do *r* em final de palavra também se aplica ao interior de palavra. Se assim for, é possível que o fenômeno não tenha motivação morfológica, mas seja um fenômeno fonológico, visto que no interior da palavra o *r* não tem uma função específica, como em final de verbo no infinitivo. Outros autores que já estudaram esse fenômeno demonstraram que a queda do *r* é bem mais freqüente em infinitivos verbais (Callou *et al.*; 1998, Votre; 1987). Esse é também o resultado que esperamos, mas pretendemos investigar como se dá o fenômeno de omissão do *r* pós-vocálico em Porto Alegre também em interior de palavra e comparar os nossos resultados com outros já encontrados.

2.5 Método de análise para estudo da vibrante – o pacote VARBRUL

De acordo com Scherre,

“Ao pesquisador cabe identificar os fenômenos lingüísticos variáveis de uma dada língua, inventariar suas variantes, levantar hipóteses que dêem conta das tendências sistemáticas da variação lingüística, operacionalizar as hipóteses através de variáveis ou grupos de fatores de natureza lingüística e não-lingüística, codificar os dados relevantes, submetê-los aos programas adequados e interpretar os resultados (...) Aos programas existentes cabe quantificar os dados recebidos e produzir resultados estatísticos para os quais foram preparados.” (1992:1)

Tendo em vista que esta pesquisa pretende lidar com várias influências simultâneas no processo de omissão da vibrante, será necessário utilizar métodos analíticos quantitativos e multivariados na análise dos resultados. A metodologia principal estabelecida nos estudos sociolingüísticos nacionais e internacionais de variação lingüística é baseada na abordagem da chamada “regra variável” (Labov 1966; Sankoff, 1986). A implementação prática dessa abordagem é feita através do programa computacional VARBRUL, desenvolvido por Sankoff e Rousseau (1978). Existem atualmente várias versões desse programa junto com outras rotinas para facilitar a entrada de dados, testes de significância e recodificações para testar hipóteses alternativas. Usaremos o pacote de programas VARBRUL desenvolvido por Susan Pintzuk (1988), destinado aos computadores tipo PC, que é a prática geral dos estudos variacionistas no Brasil.

A grande vantagem dessas análises é a possibilidade de calcular um peso relativo para cada fator identificado nas variáveis independentes, indicando a influência de cada um deles no fenômeno em estudo (no caso, no processo de apagamento do *r*). Esses pesos relativos caem no intervalo entre 0 e 1 e são interpretados assim: “0” significa que quando tal fator está presente no contexto, é impossível o processo acontecer; “1” significa que, dada a presença de tal fator, o processo sempre acontece, categoricamente. Valores de 0,5 indicam neutralidade

do fator frente ao processo, acima de 0,5 indicam fatores favoráveis e abaixo de 0,5, desfavoráveis. Para maiores esclarecimentos, buscar informações no artigo de Naro (1992), sobre modelos quantitativos e tratamento estatístico.

3. Apresentação e análise dos resultados

Neste capítulo, apresentaremos os resultados deste estudo sobre o apagamento do *r* em Porto Alegre, obtidos através da análise computacional realizada com o programa VARBRUL, discutindo-os a partir de nossas hipóteses e de nosso referencial teórico. Este capítulo apresenta a estrutura a seguir descrita.

Na seção 3.1, apresentaremos a distribuição das diferentes realizações do *r* pós-vocálico tanto em posição interna quanto em posição final, destacando o predomínio marcante de uma das variantes sobre as demais e discutindo a relação deste fato com o fenômeno de apagamento.

Na seção 3.2, iniciaremos a exposição dos resultados sobre apagamento do *r*. A diferença entre as posições final e interna nos levou a uma análise em separado dos verbos, de um lado, e das demais classes de palavras, de outro. Conforme já haviam percebido Callou *et al.* (1998:67), “*se os nomes não forem separados dos verbos, a seleção dos grupos de fatores significativos não reflete corretamente os ambientes condicionantes do apagamento do r.*” Assim, na seção 3.3, apresentaremos as variáveis que mais favorecem a regra de apagamento em não-verbos e por fim, na seção 3.4, trataremos das variáveis que favorecem o apagamento nos verbos.

Na conclusão deste capítulo, reafirmaremos nossa hipótese de que o fenômeno do apagamento do *r* em português não pode ser encarado como um processo único, que ocorra indistintamente em qualquer posição ou classe morfológica. Ao contrário disso, devemos encarar o apagamento do *r* em final de verbos um fenômeno independente do apagamento desse segmento em outras classes de palavras ou em interior de vocábulos.

3.1 Realizações do *r* pós-vocálico em Porto Alegre

Iniciaremos nossa exposição dos resultados apresentando, a seguir, a distribuição dos diferentes tipos de *r* utilizados em nossa amostra de Porto Alegre em interior e em final de vocábulo. Nossa amostra é constituída de 6.474 dados no total, sendo 2.590 (40%) de *r* interno e 3.884 (60%) de *r* final. Nesses resultados, ficará saliente a diferença no nível de apagamento do *r* nos dois contextos. Após essa configuração geral, passaremos a apresentar os resultados detalhados de apagamento para *r* final, salientando a influência das variáveis linguísticas e sociais envolvidas em cada contexto¹.

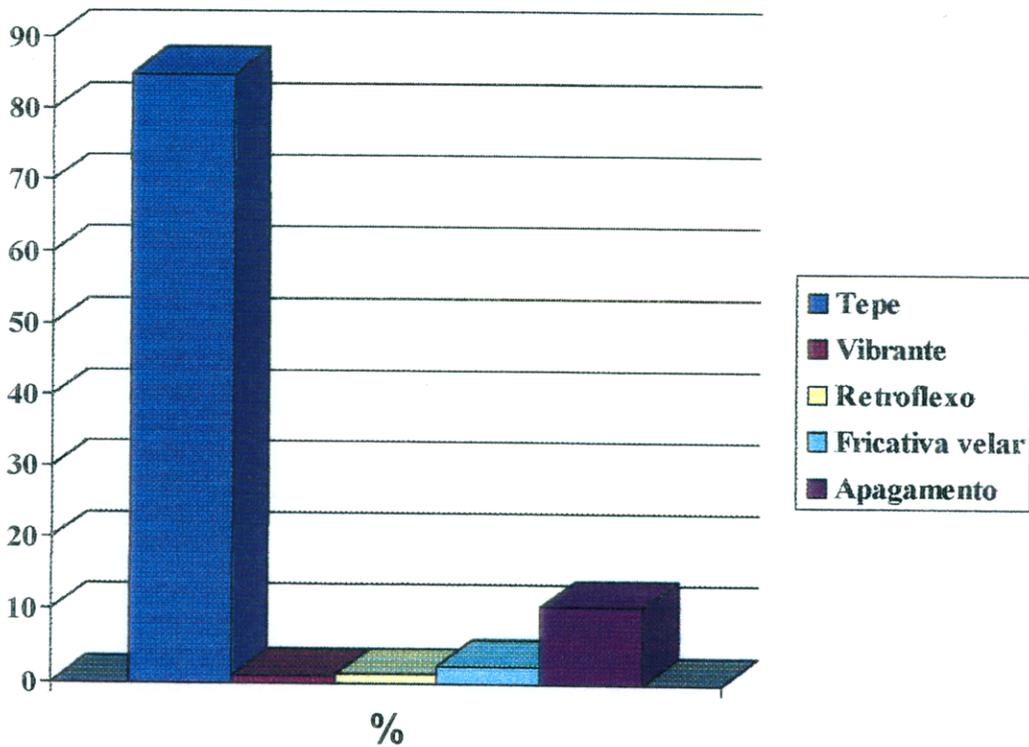
3.1.1 Realização do *r* pós-vocálico em interior de vocábulo

No interior de vocábulo, a realização de *r* pós-vocálico que predomina é o tepe, com um índice altíssimo ($2.200/2.590 = 85\%$), em contraste com as baixas porcentagens de ocorrência das demais variantes.

O gráfico 1 a seguir apresenta as diferentes realizações do *r* em contexto interno e suas respectivas porcentagens de uso. Inclui, também, o índice de apagamento do segmento neste contexto. Os dados completos, incluindo número de ocorrências, encontram-se no anexo 5.

¹ Apresentamos, ainda, no anexo 4, uma tabela contendo os dados de *r* em interior e final de vocábulo reunidos, mostrando como se perderia em precisão quanto ao apagamento nas duas posições da palavra.

Grafico 1 Distribuição percentual das realizações do *r* pós-vocálico em interior de vocábulo, dados do VARSUL, Porto Alegre



O predomínio do tepe em Porto Alegre na coda silábica já fora percebido por Marquardt (1977), Callou *et al.* (1996) e Monaretto (1997). Callou *et al.* (1996) verificaram que, entre as capitais estudadas, o tepe predomina, em interior de vocábulo, apenas em Porto Alegre (83%) e São Paulo (87%), enquanto no Rio de Janeiro, em Salvador e em Recife há um predomínio de fricativas posteriores¹.

¹ Cabe esclarecer, aqui, que os autores mencionados também incluíram em sua análise, além das diferentes variantes do *r* pós-vocálico, a omissão completa do segmento, o que contribui para tornar válida nossa comparação.

Esses resultados poderiam nos levar a supor que existe uma diferença dialetal associada ao distanciamento geográfico das diferentes localidades estudadas, pois, ao que parece, quanto mais ao Norte elas estão, menor a tendência ao uso do tepe. Em Belo Horizonte, de acordo com Oliveira (1983), há, também, nessa posição, predomínio da fricativa glotal (70,39%) e baixo índice de ocorrência de outras variantes, o que reforçaria nossa hipótese. Porém, para fazermos tal generalização, precisaríamos de uma análise mais ampla, que incluísse outras cidades do Brasil, e, para tentar entender tal processo, seria necessário analisar mais profundamente cada comunidade de fala, o que vai além dos propósitos desse trabalho.

O predomínio do tepe parece afastar a possibilidade de em Porto Alegre haver, em posição pós-vocálica, uma tendência à passagem da articulação anterior para a posterior, conforme postulam Callou *et al.* (1998:62-63), baseados em Camara Jr. (1977:16). Esse autor nos explica que

“no caso do r forte português, a marcha diacrônica é no sentido da substituição da articulação ântero-bucal (vibração múltipla da ponta da língua junto aos dentes superiores) por uma vibração posterior, que vai da vibração da raiz da língua junto ao véu palatino à tremulação da ívula e à mera fricção faríngea; em suma, um processo análogo ao que já se completou no francês parisiense, com a consolidação da articulação uvular (...)”.

Nesse sentido, a referida hipótese de Camara Jr. (1977), que fala sobre um possível processo de enfraquecimento do *r* antes de sua queda completa, passando de *r* alveolar para velar ou aspirado, talvez esteja relacionada, no caso específico de Porto Alegre, ao uso do *r* no ataque silábico, mas não na coda. Nesta última posição realmente parece estar havendo, em Porto Alegre, um processo de enfraquecimento da vibrante, tendo em vista o alto índice de uso do tepe; no entanto, a hipótese de Camara Jr. (1977) só se evidencia parcialmente – apenas quanto ao enfraquecimento, e não quanto à posteriorização – pois, quando pós-vocálica, a vibrante alveolar forte, reconhecida como característica marcante do português do Sul, está sendo substituída por uma vibrante também anterior – o tepe. A propósito, a vibrante alveolar, comumente associada ao falar do povo gaúcho, parece rara em Porto Alegre, de

acordo com nossa amostra, tendo aparecido, em posição pós-vocálica, em apenas 1,0% dos dados no interior de palavra¹.

O *r* retroflexo ocorreu, em interior de palavra, em 1,29% dos casos. Essa baixa ocorrência de *r* retroflexo já era esperada: há, na literatura, resultados semelhantes, como os de Monaretto (1997), que encontrou 4% dessa variante nos dados de Porto Alegre, e os de Callou *et al.* (1996), que tiveram, para essa capital, um total de 7% de ocorrências de retroflexo em todas as posições. Nosso resultado para *r* retroflexo é ainda menor que o de Callou *et al.* (1996) para Porto Alegre (mesmo se somarmos os dados de *r* interior e final), mas não podemos esquecer que esses autores trabalharam com apenas um informante por célula, o que pode ser uma das causas da pequena discrepância.

A respeito da fricativa velar – que corresponde a 2,3% dos casos de *r* pós-vocálico em interior de palavra –, devemos notar que sua ocorrência se restringe à fala de uma única informante dos 24 aqui considerados. Monaretto (1997), que também trabalhou com uma amostra extraída do Banco de dados VARSUL, verificou um índice de 9% de ocorrência dessa variante na posição pós-vocálica. É preciso notar, contudo, que essa autora examinou a fala de 12 informantes apenas. Assim, esse resultado de Monaretto (1997) provavelmente se refere à fala da mesma informante que “enviesou” nosso resultado.

¹ Reforça essa constatação o fato de haver, no conjunto de nossos dados, apenas 0,9% de ocorrências da vibrante alveolar (59/6.474).

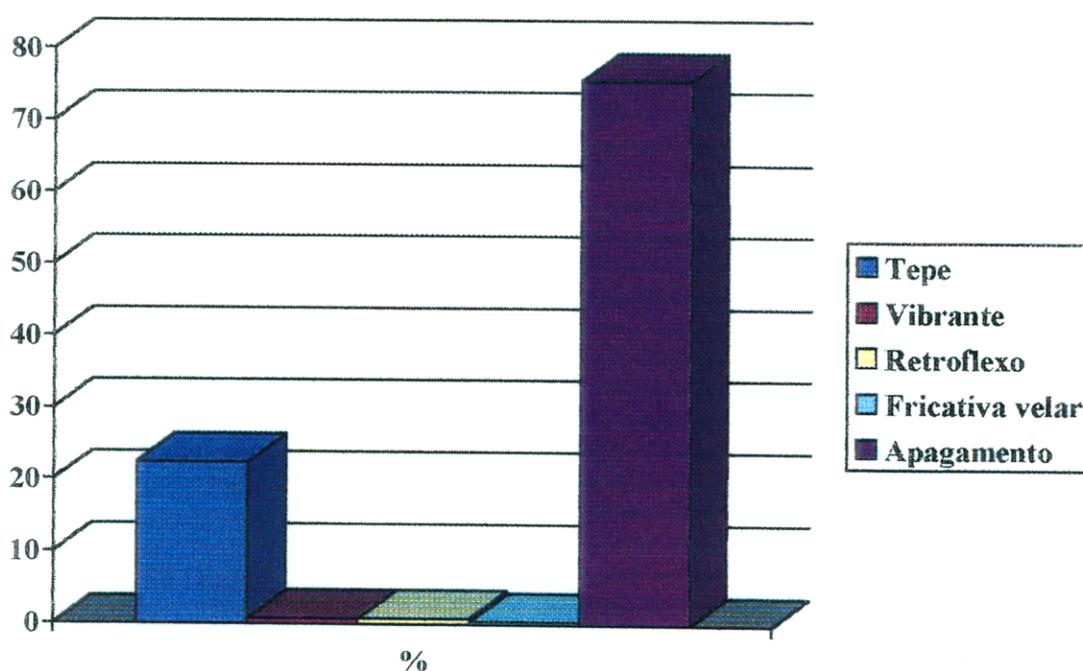
Em casos como esse, em que o pesquisador percebe um resultado inesperado, é importante ir à busca de informações que ajudem a esclarecer o motivo do fenômeno. Uma leitura cuidadosa das entrevistas de Porto Alegre nos levou a identificar uma possível explicação para o fato: a única informante que utilizava a fricativa velar (informante POA 13) declarou, em sua entrevista, realizar viagens freqüentes ao Rio de Janeiro e ter amigos que moram naquela cidade, fato que pode estar relacionado à sua maneira de realizar a vibrante. Além disso, seu pai é de nacionalidade portuguesa, e seu dialeto também pode influenciar no modo de falar da informante. Por isso, devemos ter muito cuidado na interpretação do resultado relativo à realização da fricativa velar antes de afirmar a existência, ainda que restrita, dessa modalidade de *r* pós-vocálico em Porto Alegre. Caso excluíssemos de nossa amostra a informante POA 13, essa variante simplesmente desapareceria de nossos resultados.

Por fim, a taxa de apagamento do *r* em interior de vocábulo é bastante pequena (apenas 10,6%), o que nos permite afirmar de antemão que o fenômeno se concentra em final de palavra. Isso já havia sido percebido por Marquardt (1977), que afirmou serem os verbos no infinitivo os principais favorecedores do fenômeno de apagamento. Portanto, comparando nossos resultados com os do estudo de Marquardt (1977), realizado há pouco mais de duas décadas, podemos pensar que, em *tempo real*, não parece ter havido diferença no fenômeno de apagamento do *r* pós-vocálico em Porto Alegre no que diz respeito à posição da vibrante (interna ou final), ou seja, não parece ter havido, em geral, uma evolução que levasse o fenômeno de apagamento a se aplicar maciçamente em outro contexto que não fosse o de final de palavra. No entanto, na seção 3.2.1 adiante, trataremos de um caso particular de apagamento de *r* no interior de palavra, a conjunção *porque*, mostrando como esse item lexical se distingue dos demais.

3.1.2 Realização do *r* pós-vocálico em final de vocábulo

Em posição de final de palavra, é o apagamento do *r* que predomina: 2.934 ocorrências do total de 3.884, ou seja, 75,5%, um índice realmente muito alto. Examinando os demais casos, temos novamente um índice maior de tepe (N = 874; 22,5%), em contraste com as outras realizações, que têm todas índices muito baixos, inferiores a 1%. É o que se observa no gráfico 2 a seguir¹.

Gráfico 2: Realização do *r* pós-vocálico em final de vocábulo, dados do VARSUL, Porto Alegre



Comparando os gráficos 1 e 2, a única grande diferença é, de fato, o apagamento: 10,6% no interior de palavra e 75,5% no final de palavra. Não parece haver maior diferença nas realizações do *r* pós-vocálico nas duas posições, o que transparece mais claramente se

¹ Os dados completos, incluindo número de ocorrências, encontram-se no anexo 6.

eliminamos os dados de apagamento e recalculamos os percentuais. É o que está na tabela 1 a seguir.

Tabela 1: Distribuição percentual das realizações do *r* pós-vocálico segundo a posição na palavra, excluídos os casos de apagamento; dados do VARSUL, Porto Alegre

| | Interior de vocábulo | | Final de vocábulo | |
|-----------------|----------------------|------|-------------------|------|
| | N | % | N | % |
| Tepe | 2.200 | 95,0 | 874 | 92,0 |
| Vibrante | 27 | 1,2 | 32 | 3,4 |
| Retroflexo | 29 | 1,2 | 29 | 3,0 |
| Fricativa velar | 60 | 2,6 | 15 | 1,6 |
| Total | 2.3316 | 100 | 950 | 100 |

Como se observa na tabela 1, se excluímos os casos de apagamento, encontramos uma altíssima taxa de tepe nas duas posições (95% e 92%), contra índices bem baixos das demais realizações. Portanto, nossos resultados para tepe parecem confirmar os achados de Monaretto (1997), que verificou, na coda silábica, uma incidência de 86% dessa variante. Também confirmam os resultados desta autora para as demais realizações.

O predomínio do tepe também em final de vocábulo nos leva novamente a refletir acerca da hipótese de Callou *et al.* (1998: 62-63), baseada em Camara Jr. (1977), sobre a tendência, no português do Brasil, à posteriorização da vibrante antes da queda completa do segmento. Nossos dados parecem mostrar que esse processo de posteriorização não apresenta relação com o português falado em Porto Alegre, de acordo com a nossa amostra, tendo em vista que nessa localidade o tipo de *r* mais freqüente, quando em posição pós-vocálica, é o tepe, uma modalidade de *r* anterior, e não a fricativa velar ou glotal, que são posteriores. Nesse sentido, não podemos atribuir ao português de Porto Alegre o *continuum* proposto por Callou *et al.* (1998); podemos apenas reconhecer que há um processo de enfraquecimento do *r*

antes de sua completa omissão, visto que o tepe é a variante mais freqüente antes do apagamento, ou seja, parece que o falante, quando não apaga o segmento, opta por realizar uma variante mais fraca.

Quanto ao apagamento, o fato de ser muito mais expressivo em final do que em interior de vocábulo parece sugerir a existência de fenômenos distintos. Um deles é o do apagamento do *r* em interior de palavra, que teria motivação de ordem fonológica. Outro é o do apagamento – ou talvez devêssemos falar de ausência – do *r* em final de palavra, que teria motivação morfológica, relacionada à categoria dos verbos. A taxa elevadíssima de ausência do *r* nesta categoria, especialmente nos infinitivos, possivelmente implica uma reestruturação da representação subjacente da flexão verbal do infinitivo, mudando-a para uma forma em que não há o *r* final. Nas seções subseqüentes deste trabalho, isso será tratado em detalhe.

O alto índice de apagamento do *r* em final de palavra não foi um resultado surpreendente, tendo em vista que outros autores – Marquardt (1977); Oliveira (1983); Votre (1987); Callou *et al.* (1998) – já haviam notado a grande tendência à queda da vibrante neste contexto, fenômeno associado sobretudo à categoria morfológica da palavra em que se encontra o segmento. Cabe notar, no entanto, que nosso resultado de apagamento em contexto final é bastante diferente do encontrado por Callou *et al.* (1998), que trabalharam com dados do Projeto NURC, da década de setenta: Callou *et al.* encontraram 37% de apagamento do *r* pós-vocálico nesse contexto, enquanto nós encontramos 75,5% de apagamento. Isso parece sugerir ter havido um significativo avanço na regra de apagamento do *r* final; porém, antes de fazermos tal afirmação, duas ressalvas devem ser feitas. A primeira é quanto à natureza das entrevistas do NURC, temáticas e menos espontâneas, o que poderia ter determinado monitoramento da fala e, portanto, menos apagamento. A segunda diz respeito à diferença de escolaridade – os informantes do NURC, com terceiro grau, poderiam ter sido mais cuidadosos com a fala, dispensando um maior cuidado a variantes associadas à fala culta.

O fenômeno de apagamento do *r* pós-vocálico em final de palavra não foi apenas reconhecido por estudiosos brasileiros: Teyssier (1997), por exemplo, observa que, em certos registros familiares e vulgares, o português brasileiro tende a suprimir o *r* no final das

palavras, como em *fazê*, *pegá*, *doutô* (p. 103). Obviamente, esta observação consiste numa simplificação das dimensões sociolingüísticas do apagamento do *r* pós-vocálico. Não reconhece a existência de apagamento no interior de vocábulo e não contempla a diferença entre verbos e não-verbos. Por isso, uma objeção à observação de Teyssier (1997) é que não consideramos a queda do *r* um fenômeno associado a um modo “vulgar” ou “inadequado” de falar, tendo em vista sua aplicação, nos verbos, por pessoas das mais diferentes camadas sociais. Além disso, não acreditamos que o apagamento do *r* em final de substantivos, como em *doutô*, por exemplo, possa ocorrer em qualquer registro familiar, independentemente de grupo social ou grau de escolaridade. A configuração lingüística e social é muito mais complexa, como ficará evidenciado no decorrer das próximas seções.

3.2 Resultados de apagamento do *r* pós-vocálico

Nesta seção apresentamos os resultados de apagamento do *r* a) contrastando a posição no vocábulo, se no interior ou no final; b) apenas nos verbos; e c) no final do vocábulo nas outras classes morfológicas. Em seguida, fazemos uma exposição das variáveis significativas para a aplicação da regra de apagamento em verbos e não-verbos.

3.2.1 Apagamento do *r* pós-vocálico em interior e final de vocábulo

Nesta seção, discutimos os resultados gerais obtidos para o apagamento do *r* tanto em interior quanto em final de palavra.

A acentuada diferença – 10,6% de apagamento em interior de vocábulo e 75,5% em final de vocábulo – nos levou a analisar separadamente os casos de *r* final¹ e os casos de *r* interno, supondo, como já mencionamos, a existência de dois fenômenos distintos.

Uma primeira observação precisa ser feita a respeito desses resultados. Trata-se do seguinte: o resultado de apagamento em interior de palavra seria muito mais baixo caso excluíssemos os dados do vocábulo *porque*, que apresentou uma taxa elevada, muito discrepante, de supressão do *r*. Num total de 492 ocorrências de *porque* codificadas como *r* interno, correspondendo a conjunção explicativa ou causal, 233 casos (47%) tiveram *r* apagado. Excluídos esses 492 dados da análise, obtemos um índice de apagamento de *r* pós-vocálico no interior de palavra de apenas 1,9% (41/2.098 ocorrências), ampliando enormemente o contraste entre as duas posições – interior e final de palavra. Esse índice de apagamento do *r* pós-vocálico na palavra *porque* talvez seja evidência de que ela esteja sendo analisada, pelos falantes, como um caso de *r* final, supondo a estrutura que combina a preposição *por* com a conjunção *que*. Essa suposição será reforçada quando examinarmos os resultados da preposição *por* e, em especial, da locução *por exemplo*, na seção 3.2.3 adiante.

Tendo demonstrado a enorme diferença na taxa de apagamento entre *r* interno e final, e sendo este contexto amplamente favorável ao apagamento, nossa análise se concentra, a partir de agora, na posição de final de palavra.

3.2.2 Apagamento do *r* final em verbos e não-verbos

Os resultados de apagamento do *r* pós-vocálico em Porto Alegre demonstraram, como supúnhamos, a grande diferença no índice de apagamento em verbos e não-verbos. Esse resultado vai ao encontro de uma de nossas hipóteses iniciais, qual seja, a de que a classe

¹ A partir deste ponto do trabalho, denominaremos o *r* pós-vocálico em final de palavra de ***r* final** e o *r* pós-vocálico em interior de palavra de ***r* interno**.

morfológica seria uma variável relevante no fenômeno de apagamento. A tabela 2 nos mostra mais claramente essa distinção.

Tabela 2 : Apagamento do *r* final em verbos e não-verbos (N e %), dados do VARSUL, Porto Alegre

| | Aplicação/Total | % |
|------------|-----------------|----|
| Verbos | 2.856/2.981 | 96 |
| Não-verbos | 70/870 | 8 |

Essa forte distinção entre verbos (96%) e não-verbos (8%) reforça os achados de outros autores já referidos – Oliveira (1983), Votre (1987), Callou *et al.* (1998) e Monaretto (2000) –, que também haviam associado o fenômeno de apagamento à classe morfológica. Portanto, não há dúvidas de que a distinção entre verbos e não-verbos é de grande relevância no processo de apagamento do *r* final.

Na tabela a seguir (tabela 3), detalhamos os resultados de apagamento do *r* em verbos. Estão aí incluídos os infinitivos (*gostar, viver, sair*), os verbos no futuro do subjuntivo (*quiser, fizer*), o verbo *querer* conjugado na terceira pessoa do singular do presente do indicativo (*quer*) e o vocábulo *qualquer*. Há duas razões para incluir este vocábulo entre os verbos, uma histórica, e a outra quantitativa. O vocábulo *qualquer* é uma palavra historicamente formada pela palavra *qual* mais a forma verbal *quer*, de acordo com Oliveira (1983). Além disso, a alta taxa (98%) de apagamento do *r* nesse vocábulo é muito semelhante à da forma verbal *quer* (99%) e à dos infinitivos (96%), o que embasa a suposição de que esteja sendo tratado pelos falantes como parte da mesma regra. Note-se que esse resultado para *qualquer* confere com o encontrado por Callou *et al.* (1998), pois esses autores tiveram uma taxa de 99% de omissão da vibrante nesse vocábulo no dialeto do Rio de Janeiro.

Tabela 3: Apagamento do *r* final em verbos (N e %), dados do VARSUL, Porto Alegre

| | Aplicação/Total | % |
|----------------------|-----------------|----|
| Quer | 82/83 | 99 |
| Qualquer | 44/45 | 98 |
| Infinitivo | 2691/2800 | 96 |
| Futuro do subjuntivo | 39/53 | 74 |

Ao observarmos a tabela 3, verificamos a altíssima taxa de apagamento do *r* final em quase todas as categorias verbais, com resultados próximos de 100%. A única exceção é o futuro do subjuntivo, que apresenta uma porcentagem mais baixa (74%). O teste do qui-quadrado indica que os resultados da tabela 3 são significativos, mas a significância reside na diferença entre os casos de futuro do subjuntivo e as demais categorias. Fazendo o teste só para as três primeiras categorias (*quer*, *qualquer* e infinitivos), não há diferença significativa para elas. ($p > 0,05$). Portanto, podemos concluir que entre os verbos terminados em *r*, o futuro do subjuntivo, embora tenha uma taxa muito alta de ausência de *r*, é mais conservador do que as outras categorias verbais.

Esse tratamento distinto do futuro do subjuntivo pode estar relacionado a certos aspectos que merecem registro. Em primeiro lugar, cabe notar que há bem menos dados de futuro do subjuntivo (53 ocorrências) do que de infinitivo (2.800 ocorrências). Assim, é possível que, se tivéssemos mais dados de verbos no futuro do subjuntivo, talvez não houvesse uma diferença tão grande. No entanto, essa baixa ocorrência pode ser uma das responsáveis pela menor taxa de apagamento: em se tratando de uma forma menos utilizada, relacionada a estruturas sintáticas mais complexas, é possível que o seu uso esteja relacionado a uma linguagem mais cuidada, em que provavelmente haja monitoramento do falante e, conseqüentemente, menos apagamento.

De modo geral, os resultados encontrados para verbos confirmam os achados de outros autores já referidos na revisão da literatura: Marquardt (1977) afirma que o apagamento do *r*

ocorre apenas em final de palavra, relacionando esse resultado à classe morfológica ou, mais precisamente, à categoria dos verbos; Callou *et al.* (1998) tiveram o grupo de fatores *classe morfológica* selecionado em primeiro lugar em seu estudo, graças à forte influência dos verbos no apagamento do *r* em final de palavra; Oliveira (1983) também encontrou, na comunidade estudada, uma grande diferença de apagamento entre nomes e verbos (26,09% e 81,59% respectivamente); Monaretto (2000), por sua vez, reconheceu ser o apagamento do *r* final em verbos quase categórico. Apenas Votre (1987) não deu aos verbos o mesmo destaque, afirmando que o apagamento se disseminou por todas as classes de palavras.

A grande diferença entre verbos e não-verbos torna improvável a hipótese de que haja um único processo fonológico responsável pelo apagamento de todos os *r* ausentes. O mais provável é que a incidência altíssima de ausência de *r* final em verbos deva-se a uma reanálise no léxico ou na morfologia, de modo que tais formas são representadas na forma subjacente sem *r* final, afastando-as das antigas normas da língua portuguesa. Dito de outro modo, os resultados indicam a possibilidade de uma mudança morfológica na direção de eliminar o *r* como marcador de infinitivo verbal (com extensão analógica aos outros casos de *r* final verbal).

Cabe lembrar que a motivação morfológica para o apagamento do *r* final não é um fenômeno exclusivo do português do Brasil. Vasconcelos (1970) percebeu essa mesma tendência no português europeu e no indo-português. Além disso, se retomarmos Marroquim (1945), notaremos que também no romeno o fenômeno de supressão da vibrante nos infinitivos verbais se faz presente. Inclusive, segundo Marroquim, a perda da vibrante final no romeno foi total, assim como no francês, não havendo variação como no português. Por outro lado, no italiano o *r* do infinitivo não é final, sendo seguido pela vogal *e*. Portanto, parece haver uma tendência entre as línguas românicas de evitar a manutenção de um *r* em posição final nos infinitivos.

3.2.3 Apagamento do *r* final em não-verbos

Nossa visão do apagamento do *r* em final de vocábulo precisa considerar também as outras classes morfológicas, em que o fenômeno é muito menos saliente. Apresentamos, na tabela 4, a distribuição das ocorrências de apagamento do *r* final para as categorias não-verbais.

Tabela 4: Apagamento do *r* final em não-verbos (N e %), dados do VARSUL, Porto Alegre

| | Aplicação/total | % |
|-------------------------------------------------------------|-----------------|----|
| Substantivos, Adjetivos, Sufixos <i>-or</i> e <i>-ar</i> | 34/597 | 6 |
| Preposição (por) | 19/206 | 9 |
| Por exemplo | 12/48 | 25 |
| Advérbios (pior, melhor, devagar) | 3/6 | 50 |
| Conjunção (apesar) | 2/13 | 15 |

Em nossos resultados, podemos observar que, em geral, todas as categorias de não-verbos apresentam porcentagem mais baixa de apagamento. Substantivos e adjetivos foram amalgamados porque havia, em ambas as categorias, um número muito restrito de casos de apagamento. Além disso, observando-se isoladamente os vocábulos com sufixos *-or* e *-ar*, verificou-se que em nenhum caso havia apagamento, diferentemente do que verificou Monaretto (2000), que encontrou, em sua amostra das três capitais da região Sul, ocorrências de apagamento em palavras cujo *r* constitui morfema ou faz parte de um morfema derivacional, como *escolar*, *familiar*, *computador*¹. A amalgamação feita também foi

¹ Esse resultado de Monaretto (2000) é referente ao português falado nas três capitais da região sul, ou seja, não sabemos se nos dados isolados de Porto Alegre houve apagamento nesses casos.

verificada na literatura: Oliveira (1983), Votre (1987), Callou *et al.* (1996) e Monaretto (2000) distinguiram verbos de não-verbos tendo em vista o alto índice de supressão nos verbos em oposição às outras categorias.

É difícil fazer um teste estatístico geral das diferenças de porcentagem na tabela 4, devido à grande variação no número de casos. O maior percentual de queda do *r* pode ser atribuído à classe dos advérbios; contudo, seria inadequado fazer qualquer afirmação sobre o apagamento nessa classe de palavras tendo em vista o baixo número de ocorrências (apenas seis casos). As conjunções também tiveram um número inexpressivo de ocorrências (apenas treze) e, em nossa amostra, restringem-se ao vocábulo *apesar*. Mas as demais categorias têm números adequados de casos para permitir testes de significância. Usando o qui-quadrado, verifica-se que não há diferença significativa entre as primeiras duas categorias (substantivos, adjetivos e sufixos *-or* e *-ar*, de um lado, e preposição *por*, de outro), mas há, sim, diferença significativa entre os casos de *por exemplo* e as outras ocorrências da palavra *por*.

De fato chama a atenção o índice de 25% de supressão da vibrante na expressão *por exemplo*. Nesse caso, a preposição *por* favorece mais o apagamento do *r* do que quando em outros contextos, em que o índice de omissão é de apenas 9%. Sendo esta uma diferença significativa, é importante buscar explicações. A possibilidade mais evidente é a de que este seja um processo parcial de lexicalização ou gramaticalização da locução *por exemplo*. Por tornar-se uma forma fixa, fica fora dos processos gerais de sintaxe e inserção lexical e adquire uma entrada lexical independente dos vocábulos que historicamente a compõem. Assim, o caso de *por exemplo* seria semelhante ao caso que já verificamos no vocábulo *porque* (seção 3.2.1).

O baixo índice de apagamento em todas as classes de não-verbos – sobretudo o índice de 6% nos substantivos e adjetivos, em que se concentra o maior número de ocorrências – e o contraste forte com o alto índice nos verbos nos permitem afirmar que não há um único processo (em final de palavra) aplicando-se a todas as classes morfológicas, configurando uma situação mais complexa do que a inicialmente suposta neste trabalho, quando pensávamos que seria necessário distinguir o apagamento do *r* final de verbos do apagamento do *r* no interior dos vocábulos. Votre (1987) afirmou que o fenômeno da ausência de *r* final acontece em todas

as classes morfológicas, o que, num sentido literal, é válido para nossos dados, mas num sentido explanatório, a ausência quase absoluta do *r* nos verbos, nos dados de Porto alegre, evidencia um outro processo, como já indicamos, de natureza morfológica. Reconhecemos que Votre (1987) estudou outra comunidade de fala, na qual talvez o fenômeno esteja tomando diferentes proporções; entretanto, devemos lembrar que esse mesmo autor também percebeu que substantivos e adjetivos favorecem a retenção da vibrante, tendo essas categorias pesos relativos de 0,80 e 0,73 respectivamente.

Diante do exposto, não podemos negar que o processo de apagamento da vibrante final parece distinto dependendo da comunidade de fala que se está estudando. Um bom exemplo dessa distinção pode ser percebido a partir das observações de Amaral (1955) sobre o dialeto caipira: segundo esse autor, o *r* sempre é omitido em infinitivos e raramente se mantém em palavras de outras classes gramaticais que apresentam mais de uma sílaba, como *amor* e *suor*. Em nossa comunidade de fala, encontramos resultados que não condizem com a observação de Amaral (1955), tendo em vista o índice de apagamento de apenas 6% em substantivos e adjetivos.

Feitas essas considerações sobre a distribuição do apagamento do *r* segundo as classes morfológicas, com enorme polarização dos dados, é importante que se discuta, a seguir, o papel das variáveis explicativas nos dois grandes grupos de palavras, verbos e não-verbos. Se é verdade que há processos distintos motivando o apagamento do *r*, pode-se esperar efeitos diferentes das variáveis explicativas. É isso que passamos a tratar, considerando primeiro os grupos de fatores significativos para o apagamento do *r* em não-verbos (seção 3.3) e, a seguir, em verbos (seção 3.4).

3.3 Apagamento de *r* final em não-verbos - as variáveis selecionadas

Nesta seção vamos discutir a natureza do processo de apagamento do *r* final em não-verbos a partir dos resultados da análise estatística para tentar compreender por que ocorre a diferença tão marcante entre verbos e não-verbos.

As variáveis selecionadas pelo programa VARBRUL como estatisticamente significativas para o apagamento do *r* final em não-verbos foram, nesta ordem, 1) contexto seguinte; 2) classe social; 3) tonicidade e extensão do vocábulo; 4) contexto precedente (vogais arredondadas e não-arredondadas); e 5) consoante coronal e não-coronal no contexto seguinte. Das cinco variáveis selecionadas, nota-se que apenas uma é social, ao passo que as demais apontam para a existência de efeitos fonológicos, como seria de esperar. Por coerência interna, discutiremos primeiro os resultados dos grupos de fatores lingüísticos e por último trataremos do grupo de fatores sociais.

3.3.1 Contexto seguinte

Na tabela abaixo (tabela 5) apresentamos os resultados referentes ao apagamento do *r* final em não-verbos de acordo com o contexto subsequente à vibrante. Inicialmente, havíamos trabalhado com uma codificação mais detalhada para essa variável, distinguindo todas as vogais e todas as consoantes no contexto seguinte. À medida que as rodadas iam sendo feitas, as distinções não-significativas foram sendo eliminadas¹, de modo que obtivemos como resultado a tabela a seguir. Os grafemas /eh/ e /oh/ foram utilizados para indicar, respectivamente, a vogal média não-arredondada aberta e a vogal média arredondada aberta.

¹ Usamos o teste de qui-quadrado para testar a significância das distinções, eliminando-as sempre que não fossem significativas.

Tabela 5: Apagamento do *r* final em não-verbos (N, % e peso) em relação a contexto seguinte, dados do VARSUL, Porto Alegre

| | Aplicação/Total | % | Peso |
|--------------------------|-----------------|----|------|
| /oh/,/o/,/a | 1/82 | 1 | 0,14 |
| /i/ | 2/64 | 3 | 0,26 |
| Pausa | 8/199 | 4 | 0,37 |
| Sonorante (nasais + /l/) | 7/111 | 6 | 0,50 |
| Não-sonorante | 42/310 | 14 | 0,67 |
| e/,/eh/ | 14/93 | 15 | 0,69 |
| /u/ | 3/18 | 17 | 0,72 |

De acordo com os pesos relativos apresentados na tabela, os contextos que mais favorecem o apagamento do *r* são as vogais /u/ e /e/,/eh/, seguidas pelas consoantes não-sonorantes. Sobre as vogais /i/ e /oh/, /o/, /a/, de acordo com seus baixos pesos relativos, podemos dizer que elas desfavorecem a aplicação da regra. As consoantes sonorantes mantiveram-se no ponto neutro, com peso relativo de 0,50.

Sobre a vogal /e/ no contexto seguinte, devemos lembrar que foram incluídas as ocorrências de *por exemplo*, em que o *r* é apagado em 12 das 48 ocorrências. Isso quer dizer que, das demais palavras em que o *r* é seguido por /e/ e /eh/, só há apagamento em 2 entre 45 casos, ou seja, em torno de 4%, resultado bem semelhante ao das demais vogais. Assim, resta apenas o /u/ como contexto vocálico com taxa elevada de apagamento, e este é o contexto seguinte com o menor número de dados, um resultado provavelmente não-confiável. Portanto, não é possível afirmar que haja certas vogais favorecendo o apagamento e outras não, especialmente quando as vogais que favorecem não formam uma classe natural (isto é, não têm traços em comum que as distingam de outros segmentos).

Quanto às consoantes, amalgamamos as consoantes sonorantes *versus* as consoantes não-sonorantes porque esperávamos que o apagamento fosse maior quando se seguissem ao *r*

consoantes sonorantes (*mar lindo, lugar nenhum*), com as quais o *r* compartilhasse essa característica, considerando-se a possível influência do *Princípio do Contorno Obrigatório*. Ao contrário, o maior índice de apagamento com as não-sonorantes demonstra que o *OCP* não pode ser considerado relevante neste caso. Voltaremos a discutir traços das consoantes na seção seguinte.

Por fim, resta-nos comentar os resultados referentes ao apagamento de *r* diante de pausa. Em nossa amostra, a pausa parece desfavorecer a aplicação da regra de apagamento de *r* final em não-verbos, com um peso relativo de 0,37.

Votre (1987) esperava verificar uma maior retenção do *r* diante de vogais no contexto seguinte e, ao contrário, maior supressão diante de pausa:

“Seguíamos a crença, mais ou menos implícita, de que a presença de vogal no início de vocábulo seguinte a essa vibrante favorecesse a preservação dessa vibrante; nessa mesma linha de raciocínio esperávamos que a ausência de qualquer segmento fosse favorável à supressão do segmento vibrante” (p. 54).

No entanto, Votre (1987) teve suas expectativas contrariadas: a retenção da vibrante diante de vogais foi de apenas 0,34, não havendo, portanto, uma tendência à manutenção da estrutura silábica CV, ao passo que a pausa favoreceu a retenção (0,70). Em relação à pausa, nossos resultados foram semelhantes aos de Votre, pois o peso relativo de 0,37 indica que o apagamento do *r* é desfavorecido nesse contexto, como já mencionamos. Note-se que, caso considerássemos como aplicação da regra a retenção do *r*, como Votre, teríamos um peso de 0,63 para a pausa, resultado bem semelhante ao dele.

Concluindo, o efeito principal aqui parece ser a diferença entre consoantes e vogais. Excluindo-se os casos de *por exemplo*, a vogal seguinte tende a conservar o *r* final, e a consoante favorece o seu apagamento, como acontece em outros processos de apagamento de consoante final em outras línguas, como no inglês (Guy, 1980) e no espanhol (Cedergreen, 1973).

3.3.2 Consoante coronal e não-coronal no contexto seguinte

Resultados de rodadas anteriores nos levaram a agrupar consoantes coronais, de um lado, e não-coronais, de outro, pois o traço [coronal] parecia exercer influência na regra de apagamento do *r* final em não-verbos. Os resultados para esse grupo de fatores estão expostos na tabela 6.

Tabela 6: Apagamento do *r* final em não-verbos (N, % e peso) em relação a consoante coronal e não-coronal no contexto seguinte, dados do VARSUL, Porto Alegre

| | Aplicação/total | % | Peso |
|-------------|-----------------|----|------|
| Coronal | 20/254 | 8 | 0,42 |
| Não-coronal | 29/168 | 17 | 0,61 |

Essa distinção entre consoantes coronais e não-coronais foi feita para testar mais uma vez a possível influência do *Princípio do Contorno Obrigatório* sobre a regra de apagamento. No entanto, nossos resultados não demonstraram a influência que esperávamos do *OCP* sobre a regra de apagamento do *r* final em não-verbos, pois são as consoantes não-coronais que favorecem essa regra. Desse modo, assim como ocorreu com a variável *contexto seguinte*, em que também esperávamos verificar a influência do *OCP*, esta variável, relativa ao traço [coronal], ao contrariar nossa hipótese, deixa-nos com novas questões interessantes que merecem ser tratadas em futuras investigações.

3.3.3 Contexto precedente

Inicialmente, nossa análise da variável contexto precedente foi feita com as vogais separadas, mas, à medida que as rodadas estatísticas foram sendo feitas, chegou-se ao agrupamento aqui proposto. Assim, apresentamos, na tabela 7, os resultados para a variável *contexto precedente*, distinguindo vogais arredondadas de não-arredondadas.

Tabela 7: Apagamento do *r* final em não-verbos (N, % e peso) em relação a contexto precedente, dados do VARSUL, Porto Alegre

| | Aplicação/Total | % | Peso |
|-------------------------|-----------------|----|------|
| Vogais arredondadas | 48/602 | 8 | 0,45 |
| Vogais não-arredondadas | 29/278 | 10 | 0,61 |

De acordo com os resultados da tabela 7, as vogais arredondadas parecem desfavorecer o processo de apagamento do *r* final. Esse resultado é semelhante ao de Callou *et al.* (1996) e está de acordo com a nossa hipótese inicial de que vogais não-arredondadas no contexto precedente favoreceriam mais o apagamento do *r*.

É interessante notar que a influência de vogais arredondadas na manutenção do *r* não é apenas percebida em não-verbos, mas também parece ser o caso na categoria dos verbos, em que o verbo *pôr* e seus derivados raramente sofrem a perda do *r*. O motivo deste efeito não é muito claro. Possivelmente seja um efeito articulatorio ou acústico. As vogais arredondadas são, ao mesmo tempo, as vogais mais retraídas do português. Considerando que a realização mais comum do *r* em nossos dados é o tepe, isto é, uma articulação anterior, e que sua manutenção é favorecida quando diante de vogais retraídas, esse pode ser um caso de influência do OCP, que tende a manter diferenças articulatorias na produção de segmentos adjacentes.

Vale retomar aqui os casos excepcionais das formas derivadas da preposição *por*. Vimos na seção 3.2.1 que a palavra *porque* tem taxa elevada de apagamento (47%) frente aos outros casos de *r* interno e, na tabela 4, notamos a taxa elevada de apagamento do *r* na locução *por exemplo* (25%). Em ambos os casos houve mais apagamento, apesar de haver aí vogal arredondada precedente¹. Deve-se questionar se estes casos constituem um contra-exemplo, negando uma tendência geral de vogal arredondada desfavorecer apagamento do *r* final. Consideramos que não há conflito, uma vez que *porque* e *por exemplo* parecem ser casos de lexicalização ou gramaticalização.

3.3.4 Tonicidade e extensão do vocábulo

A tabela 8 apresenta os resultados de apagamento do *r* final em categorias não-verbais para os fatores tonicidade (ocorrência do *r* em sílaba átona ou tônica) e extensão do vocábulo (ocorrência do *r* em palavra mono ou polissilábica).

Tabela 8: Apagamento do *r* final em não-verbos (N, % e peso) em relação a tonicidade e extensão do vocábulo, dados do VARSUL, Porto Alegre

| | Aplicação/Total | % | Peso |
|------------------------------------------|-----------------|----|------|
| Monossilábicas tônicas | 2/57 | 4 | 0,22 |
| Polissilábicas tônicas | 33/485 | 7 | 0,43 |
| Monossilábicas/ polissilábicas átonas | 43/339 | 13 | 0,65 |

O motivo da amalgamação de palavras monossilábicas e polissilábicas em que o *r* ocorria em sílaba átona foi a identificação de resultados aproximados para essas categorias. Tanto em palavras monossilábicas quanto em palavras polissilábicas, as sílabas átonas favorecem o apagamento do *r*, com peso relativo de 0,65. Esse resultado é semelhante ao de

¹ Note-se que os casos de *porque* não estão incluídos nos dados da tabela 7, mas os de *por exemplo* estão.

Monaretto (2000), que também verificou, nas categorias não-verbais, um maior índice de omissão do *r* em sílabas não-acentuadas.

De fato, como afirma Monaretto (2000), parece ser um pouco mais provável o falante suprimir o *r* final em palavras como *por*, *ímpar* e *açúcar*, em que o segmento localiza-se em sílaba átona, do que em palavras como *lugar* e *senhor*, em que a vibrante situa-se em sílaba tônica. Não podemos deixar de salientar, porém, que, apesar de a probabilidade de apagamento ser relativamente alta (0,65) em sílaba átona, o percentual é bastante baixo (13%), pois estamos tratando de categoriais não-verbais, em que a supressão da vibrante dificilmente ocorre.

Quando o *r* recai na sílaba tônica de palavras polissilábicas houve baixo índice de queda (peso relativo de 0,43), mas queremos destacar as palavras monossilábicas tônicas, que desfavorecem muito o apagamento do *r* final, tendo em vista o baixo peso relativo (0,22) apresentado nesse contexto. Essa tendência às monossilábicas tônicas reterem o *r* pós-vocálico também foi verificada por Votre (1987). No dialeto caipira, Amaral (1955) diz que o *r* final se conserva em palavras de uma só sílaba, enquanto raramente se mantém em palavras polissilábicas. Podemos perceber, a partir dessa afirmação de Amaral (1955), uma diferença entre o dialeto caipira e o português de Porto Alegre: nesta comunidade é claro que muitas palavras polissilábicas conservam o *r*, pelo menos nos não-verbos. Ainda sobre o número de sílabas, cabe lembrar que Callou *et al.* (1996) perceberam que quanto maior o número de sílabas, maior a tendência a apagar o *r*. Em nossos resultados, este efeito é evidente na diferença entre as duas primeiras categorias da tabela 8: os monossílabos tônicos apresentam porcentagem e peso mais baixo do que os polissílabos tônicos, mas o efeito de extensão do vocábulo neutralizou-se nas átonas. É digno de nota o tamanho das diferenças entre as categorias na tabela 8: átonas são apagadas 6/9% mais freqüentemente e têm peso de 0,22 a 0,43 maior, em comparação com as tônicas, enquanto a diferença entre monossílabos e polissílabos é de apenas 3% e 0,21 de peso para as tônicas, não sendo significativa nas átonas. Parece, então, que a extensão da palavra é um efeito menos forte, e o efeito da tonicidade é que se mostra relevante em nossa análise. De fato, segundo Oliveira (1983:115), de acordo com a história das línguas, a tendência é não perder segmentos sonoros na sílaba tônica (o que

é confirmado no português do Brasil nos estudos de apagamento de *s* final, também muito desfavorecido em sílaba tônica, conforme Guy, 1981).

3.3.5 Classe social

Os resultados para a variável classe social nas categorias não-verbais, expostos na tabela 9, indicaram que quanto mais baixa a classe social, maior o apagamento do *r* pós-vocálico final. Além disso, podemos dizer que a única classe que desfavorece a aplicação da regra é a A, com peso relativo de 0,24. As demais classes sociais tiveram peso relativo superior a 0,50, destacando-se a classe D, que mais favorece o apagamento, com peso de 0,73.

Tabela 9: Apagamento do *r* final em não-verbos (N, % e peso) em relação a classe social, dados do VARSUL, Porto Alegre

| | Aplicação/Total | % | Peso |
|---|-----------------|----|------|
| A | 5/161 | 3 | 0,24 |
| B | 33/395 | 8 | 0,52 |
| C | 30/271 | 11 | 0,59 |
| D | 10/54 | 19 | 0,73 |

Inicialmente, devemos lembrar que não dispúnhamos de um número igual de representantes para cada classe, o que explica o índice de ocorrências de *r* pós-vocálico final em não-verbos na classe D (54 ocorrências num total de 881). Em nossa amostra, havia apenas 2 informantes da classe D num total de 24.

Os resultados para classe social parecem revelar que o apagamento do *r* em substantivos, adjetivos e outras categorias de não-verbos – como, por exemplo, em *mulhé*, *colhé*, *senhô*, *pió* – é estigmatizado, tendo em vista a sua menor aplicação pelas classes sociais

mais altas. Como se trata de um processo fonológico de redução, nossos resultados estão de acordo com a previsão de Kroch (1978): segundo esse autor, existe uma tendência, por parte das classes dominantes, de impedir que processos fonológicos – especialmente os de natureza acústico-articulatória – se efetivem, sugerindo que a classe social exerce uma forte influência sobre o uso de certas variáveis lingüísticas. No caso do apagamento de *r* final em não-verbos, temos um processo desta natureza, exceto nos casos de lexicalização ou gramaticalização envolvendo a preposição *por* (conforme já previamente discutido). Logo, concluiríamos com Kroch que as classes sociais mais altas estão suprimindo este processo por motivos sociais.

Esses resultados, portanto, indicam um caso claro de estratificação social, mas é importante salientar que os fatores sexo e idade não foram selecionados, de modo que não há evidência, nos nossos dados de não-verbos, de mudança em tempo aparente. Lembremos que, de acordo com Labov (1966:99), um dos indícios de que uma mudança está sendo instituída em determinada comunidade ou língua é a distribuição da variante em estudo, em tempo aparente, entre os diferentes grupos etários da comunidade estudada. Caso se encontrasse uma distribuição unidirecional e uma correlação estatisticamente significativa entre o uso das variantes e as diferentes faixas etárias, teríamos evidência de mudança em andamento, o que não foi identificado neste caso. Além disso, não se verificou uma tendência feminina a aderir à forma inovadora – no caso, a supressão do *r* –, o que também poderia ser esperado em caso de mudança. Neste caso, parece que o apagamento do *r* nas categorias não-verbais é um marcador social, um processo estigmatizado, mas estável.

Para concluir, parece importante frisar que esses resultados têm limitações decorrentes da amostra – como já mencionamos, o fato de ter apenas dois informantes na classe D. Além disso, vale notar que não examinamos diferenças estilísticas, de sorte que não temos controle específico sobre o maior ou menor grau de formalidade no decorrer das entrevistas. Um tal controle poderia ser útil na determinação do caráter estigmatizado do apagamento do *r* final em não-verbos.

3.4 Apagamento de *r* final em verbos – as variáveis selecionadas

Nesta seção, faremos a apresentação das variáveis selecionadas pelo programa VARBRUL para a regra de apagamento do *r* final em verbos. As variáveis consideradas significativas foram, nesta ordem, 1) contexto precedente; 2) idade; 3) sexo; 4) extensão do vocábulo; 5) classe morfológica; e 6) classe social. Diferentemente do que ocorreu com os resultados de não-verbos, as variáveis sociais apresentaram grande importância no processo de apagamento do *r* final em verbos. Discutiremos, a seguir, o papel de cada um dos grupos de fatores selecionados como relevantes, apresentando primeiramente as variáveis lingüísticas e, logo após, as variáveis sociais.

3.4.1 Contexto precedente

Assim como ocorreu com as categorias não-verbais, percebemos, também nos verbos, que a distinção entre vogal arredondada e vogal não-arredondada é relevante para o apagamento, com as vogais não-arredondadas favorecendo a aplicação da regra (97% de apagamento) e as vogais arredondadas desfavorecendo (apenas 16% de apagamento). A tabela 10 expõe essa distinção.

Tabela 10: Apagamento do *r* final em verbos (N, % e peso) em relação a contexto precedente, dados do VARSUL, Porto Alegre

| | Aplicação/Total | % | Peso |
|------------------|-----------------|----|------|
| Arredondadas | 4/25 | 16 | 0,0 |
| Não-arredondadas | 2851/2954 | 97 | 0,51 |

Embora a quantidade de dados para vogais arredondadas no contexto precedente tenha sido muitíssimo inferior à de vogais não-arredondadas, pois se restringem às ocorrências do verbo *pôr* e seus derivados, este contexto desfavorece fortemente o apagamento da vibrante, com peso relativo de 0,0 para vogais arredondadas. De fato, se prestarmos atenção à fala das pessoas à nossa volta, perceberemos que o apagamento do *r* no final dos verbos *pôr* e seus derivados raramente ocorre. Na tabela acima, o índice de apenas 16% de apagamento depois de vogais arredondadas corrobora essa impressão empírica.

Uma característica particular do verbo *pôr* e seus derivados que pode ter alguma relação com a manutenção do *r* final é o fato de esses verbos terem perdido, na diacronia, a sua vogal temática. Antes de sua atual forma, o verbo *pôr* foi, em latim, *ponere* e, em português arcaico, *poer*. Finalmente, essa vogal temática *e* foi perdida, dando lugar à forma atual. Esses são os únicos verbos da língua portuguesa que não apresentam vogal temática no infinitivo; provavelmente por isso exista a necessidade de manter o morfema *r*, indicador de infinitivo, visto que não haveria, no vocábulo, outra marca dessa classe gramatical.

Ao contrário do contexto fonológico precedente, o grupo de fatores contexto seguinte não foi selecionado como relevante, não demonstrando efeito significativo na aplicação da regra de apagamento do *r* final em verbos. Lembramos que Oliveira (1983) também não encontrou resultados elucidativos para esse grupo de fatores. Essa parece ser uma evidência para nossa hipótese de que, em verbos, estamos diante de um fenômeno com motivação morfológica.

3.4.2 Extensão do vocábulo

Em não-verbos, a extensão do vocábulo, por si só, mostrou tendência relativamente fraca, em comparação com a da tonicidade. Vejamos o que ocorre com os verbos, nos quais, obviamente, não existem diferenças de tonicidade. Na tabela 11, apresentamos os resultados

relativos à variável extensão do vocábulo, demonstrando os diferentes níveis de apagamento do *r* em palavras com uma ou mais sílabas.

Tabela 11: Apagamento do *r* final em verbos (N, % e peso) em relação a extensão do vocábulo, dados do VARSUL, Porto Alegre

| | Aplicação/Total | % | Peso |
|-------------------------|-----------------|----|------|
| Palavras monossilábicas | 592/647 | 91 | 0,31 |
| Palavras Polissilábicas | 2264/2333 | 97 | 0,56 |

Os pesos relativos de 0,31 e 0,56 para palavras monossilábicas e polissilábicas respectivamente assemelham-se aos de Votre (1987), que indicavam uma maior tendência à manutenção do *r* final nos vocábulos de menor extensão. Além desse autor, Callou *et al.* (1996) também reconheceram a importância dessa variável, observando que quanto maior o número de sílabas, maior a tendência à supressão da vibrante em final de palavra, como notamos acima. Cabe lembrar, porém, que Votre (1987) e Callou *et al.* (1996) investigaram essa variável sem distinguir as classes de palavras, mas, a partir de nossos resultados, o efeito da extensão parece existir mais claramente nos verbos.

3.4.3 Classe morfológica

Nos verbos, o grupo de fatores categoria morfológica foi subdividido em infinitivo, futuro do subjuntivo e verbo *querer*, no qual foram incluídos os casos de *qualquer*, como discutimos anteriormente (seção 3.2.2). Os resultados dessas categorias estão expostos na tabela 12.

Tabela 12: Apagamento do *r* final em verbos (N, % e peso) em relação a classe morfológica, dados do VARSUL, Porto Alegre

| | Aplicação/Total | % | Peso |
|---------------------|-----------------|----|------|
| Infinitivo | 2691/2800 | 96 | 0,47 |
| Fut.subjuntivo | 39/53 | 74 | 0,71 |
| Verbo querer (quer) | 126/127 | 99 | 0,89 |

Entre as categorias verbais, o infinitivo é a que apresenta menor peso relativo, abaixo do ponto neutro de 0,50 e, portanto, em princípio, desfavorável ao apagamento do *r*, o que contrasta com o seu percentual muito alto (96%). Por sua vez, o futuro do subjuntivo e a forma verbal *quer* apresentam pesos relativos bastante elevados, favoráveis ao apagamento do *r*. O que poderia ter motivado esse resultado estatístico? É o que discutimos a seguir.

Os resultados para classe morfológica são limitados pela distribuição desequilibrada dos dados, com quase 94% do total de ocorrências correspondendo a casos de infinitivo. Esse é um exemplo de problema matemático que, de acordo com Guy (1993), pode aparecer na análise estatística; é preciso, portanto, interpretar esses resultados com cautela. O peso alto atribuído às ocorrências da forma verbal *quer* sugerem que o *r* final neste vocábulo, que historicamente faz parte do radical do verbo, vem sendo tratado analogicamente como marcador do infinitivo, sendo, portanto, sistematicamente apagado. Como há poucos verbos na língua que têm radical terminado em *r*, *quer* representa um caso especial, difícil de ser comparado com outros verbos. Essa analogia é facultada pela perda prévia da vogal temática: *quer* < *quere*¹.

¹ Esta forma verbal perdeu a vogal final. Conforme Cunha e Cintra (1985:420), “A par de *quer*, terceira pessoa do singular do presente do indicativo, emprega-se também *quere* no português europeu, quando a forma verbal vem acompanhada de um pronome enclítico: *quere-a*”. No português do Brasil isso não ocorre.

Os demais fatores desse grupo têm pesos relativos muito influenciados pelo número de dados. O infinitivo, por incluir a grande maioria dos dados, é obrigado pelo algoritmo do VARBRUL a ter um valor próximo a 0,50.

No caso do futuro do subjuntivo, há tão poucos casos que não é possível chegar a uma conclusão sobre seu efeito na aplicação da regra sem um exame mais detalhado. Pode-se supor que tais contextos correspondam a circunstâncias de maior monitoramento, o que motivaria a diminuição do apagamento. Contudo, é fato que os falantes regularizam o futuro do subjuntivo tornando-o igual ao infinitivo: usam, por exemplo, *caber* em lugar de *couber*, *dizer* em lugar de *disser*, *fazer* em lugar de *fizer*, etc. Isso mostra que a explicação das diferenças requer análise ulterior, mais detalhada. Porém, qualquer que seja a explicação correta das diferenças entre essas categorias morfológicas, a existência de tais diferenças é mais uma indicação da natureza morfológica ou morfolexical da ausência do *r* nos verbos. Dito isso, encerramos a discussão sobre as variáveis lingüísticas e passamos às sociais.

3.4.4 Idade

Diferentemente do que ocorreu com os resultados de não-verbos, no caso dos verbos, o fator *idade* mostrou-se bastante significativo para o apagamento do *r* final. Na tabela 13, percebe-se nitidamente, a partir dos pesos relativos, a maior probabilidade (0,66) de falantes mais jovens aderirem à forma inovadora, ou seja, à omissão da vibrante final, como esperávamos. Por sua vez, falantes mais velhos tendem a ser mais cuidadosos com a linguagem, ou mais conservadores, preservando mais do que os jovens a vibrante em final de verbo (peso de 0,33). Esses resultados condizem com os postulados de Labov (1966) sobre mudança lingüística, bem como com nossa expectativa inicial de que o processo de apagamento do *r* indicava mudança em progresso.

Tabela 13: Apagamento do *r* final em verbos (N, % e peso) em relação a idade, dados do VARSUL, Porto Alegre

| | Aplicação/Total | % | Peso |
|------------------|-----------------|----|------|
| Mais de 50 anos | 1324/1418 | 93 | 0,33 |
| Menos de 50 anos | 1532/1562 | 98 | 0,66 |

Labov (1966:99) afirma que uma mudança em andamento dificilmente representa uma substituição total de uma forma por outra – nesse caso, do *r* pronunciado pela sua supressão. Por isso, o *r* final continua ocorrendo, em menor escala, na fala de informantes mais jovens.

3.4.5 Sexo

A variável *sexo*, que não havia sido selecionada para as categorias não-verbais, se mostrou significativa para verbos. A tabela 14 apresenta os resultados relativos a essa variável.

Tabela 14: Apagamento do *r* final em verbos (N, % e peso) em relação a sexo, dados do VARSUL, Porto Alegre

| | Aplicação/Total | % | Peso |
|----------|-----------------|----|------|
| Homens | 1213/1292 | 94 | 0,38 |
| Mulheres | 1643/1688 | 97 | 0,59 |

Como podemos notar na tabela 14, existe maior tendência ao apagamento do *r* final em verbos entre informantes do sexo feminino. Esse resultado não só vai ao encontro de nossa

expectativa inicial, como também reforça a hipótese de haver mudança em progresso, visto que, em casos de mudança, as mulheres tendem a liderar as inovações (Guy:2001). Esse resultado para a variável *sexo* é semelhante ao de Votre (1987), que verificou uma tendência masculina à manutenção do *r* final em verbos, no dialeto do Rio de Janeiro.

Cabe lembrar que a diferença no uso das variantes por homens e mulheres diz respeito ao papel social que exercem em uma determinada sociedade. Portanto, devemos relacionar essa variável à estrutura social da comunidade estudada, tentando buscar pistas que nos esclareçam os motivos dos diferentes comportamentos lingüísticos entre homens e mulheres. No caso em estudo, podemos dizer que as mulheres estão aderindo mais do que os homens ao apagamento, ou seja, à variante inovadora. Esse não parece ser um caso de adesão à forma de maior prestígio – papel que freqüentemente é atribuído às mulheres em estudos de variação –, tendo em vista que, nos verbos, o apagamento já se disseminou em todas as classes sociais, e não há uma maior tendência à manutenção da vibrante pela classe dominante, conforme veremos a seguir. O que esse resultado nos leva a crer é que, de fato, estamos diante de um caso de mudança em progresso, como sugere Labov (1990), com as mulheres encabeçando a inovação lingüística. Esse resultado se torna ainda mais consistente se associado ao do fator *idade*, exposto anteriormente, que mostra falantes mais jovens, assim como as mulheres, favorecendo o uso da forma inovadora.

3.4.6 Classe social

Na variável classe social, a classe que se distingue das demais é a classe B, com apagamento de 93% e peso de 0,38, enquanto as outras três classes ficam com pesos quase iguais, entre 0,56 e 0,58. Os resultados relativos à variável classe social estão expostos na tabela 15.

Tabela 15: Apagamento do *r* final em verbos (N, % e peso) em relação a classe social, dados do VARSUL, Porto Alegre

| | Aplicação/Total | % | Peso |
|---|-----------------|----|------|
| A | 529/542 | 98 | 0,58 |
| B | 964/1040 | 93 | 0,38 |
| C | 1085/1116 | 97 | 0,56 |
| D | 278/282 | 99 | 0,57 |

Os resultados acima contrariam a hipótese de Bueno (1944), que associa, sem distinguir classe morfológica, apagamento à baixa renda, tendo em vista que a classe A é a que apresenta o maior peso relativo e um percentual de apagamento muito elevado. É interessante notar que, em verbos, tivemos um resultado para a variável classe social bastante distinto daquele encontrado para não-verbos, em que se verificou nitidamente estratificação social. No caso do apagamento em verbos, os resultados parecem indicar que não estamos diante de uma variante estigmatizada socialmente, visto que as classes mais altas não inibem a aplicação da regra.

De acordo com os resultados da tabela 15, podemos ainda verificar que os informantes da classe B tendem a reter mais a vibrante final nos verbos. Esse resultado é contrário aos postulados de Labov (1990), que diz que são as classes sociais intermediárias que lideram os processos de mudança lingüística. Neste caso, parece justamente que as classes intermediárias – ou pelo menos a classe intermediária B – procuram evitar a omissão da vibrante, mas é notório que a mudança, no caso dos verbos, está muito avançada – quase completa –, o que pode implicar uma organização diferente das classes sociais. Esse poderia ser um caso de hipercorreção, no sentido de que haveria, por parte dos indivíduos de classe média, uma tendência a utilizar variantes lingüísticas de maior prestígio social para ascenderem socialmente. Já na classe mais alta, onde o apagamento é mais alto (0,58), parece não haver essa preocupação em utilizar uma linguagem mais “correta”.

Apesar das considerações feitas a respeito do papel da classe social no apagamento do *r* final em verbos, devemos destacar também que os percentuais de apagamento foram altíssimos em todas as classes sociais, com valores oscilando entre 93 e 99% de apagamento. Esses números deixam claro que essa regra está bastante difundida em toda a sociedade na cidade de Porto Alegre.

3.4.7 Síntese dos resultados

A partir da análise de dados, encontramos alguns resultados elucidativos para nossa pesquisa, os quais julgamos interessante retomar sucintamente.

Sobre a realização do *r* pós-vocálico em Porto Alegre, podemos afirmar que o tepe predomina em qualquer contexto, tanto em interior quanto em final de palavra, com índices de uso acima de 90%. Esse predomínio do tepe parece indicar que o *r* pós-vocálico, antes do seu completo apagamento, está passando por um processo de enfraquecimento, visto que o tepe é uma vibrante fraca. No entanto, esse apagamento do *r* está fortemente associado à classe morfológica da palavra em que ele se encontra, ocorrendo quase categoricamente em final de formas verbais (*gostar, sair, quiser*) e em alguns vocábulos ou expressões isoladas (*qualquer*). Além disso, há vocábulos e expressões em que o apagamento parece estar a meio caminho, como em *por exemplo* e *porque*. Essa associação entre apagamento e classe morfológica explica a grande diferença de apagamento verificada em interior de palavra (apenas 11%) e final de palavra (76%), pois nos verbos o *r* omitido está no final do vocábulo.

Sobre as variáveis lingüísticas estudadas, o grupo de fatores contexto precedente mostrou-se significativo para o *r* final em verbos e não-verbos, com as vogais arredondadas desfavorecendo o apagamento. Esse resultado está de acordo com uma de nossas hipóteses, pois pelo menos nos verbos esperávamos encontrar essa tendência, em função de nossa observação assistemática prévia de baixa omissão do *r* nos verbos *pôr* e derivados. Outra variável lingüística que apresentou resultados interessantes foi a variável extensão do

vocábulo: nas categorias verbais, as palavras monossilábicas parecem restringir a regra de apagamento, com peso relativo de 0,31. A partir desse resultado, podemos dizer que é mais comum nossos informantes utilizarem formas como *fazê*, *trabalhá*, *estudá* do que *sê*, *tê*, *fô*.

Os resultados nos mostraram também que as variáveis sociais foram relevantes em nosso estudo. Isso fica claro se atentarmos principalmente para o fato de que, nos verbos, os fatores idade, sexo e classe social foram selecionados como estatisticamente significativos pelo programa VARBRUL. Nossos resultados para o fator idade mostraram a maior probabilidade de apagamento do *r* em verbos entre as pessoas mais jovens, o que é um indício de mudança em curso. Além disso, a maior adesão à regra de apagamento pelas mulheres é mais um resultado que leva a crer na possibilidade de estarmos diante de um processo de mudança, tendo em vista as considerações feitas a respeito da variável sexo na literatura sociolinguística atual (Guy:2001).

Finalmente, podemos concluir que os fatores que condicionam o apagamento de *r* final nos dão evidência importante sobre a questão de existir um ou dois processos atuando neste fenômeno. Os resultados da análise dos não-verbos indicam uma série de efeitos fonológicos, sustentando a hipótese de que aqui se trata de uma regra fonológica de apagamento. A omissão do *r* final nos verbos, porém, que apresentou taxa elevadíssima, restrita a uma categoria morfológica, ocorre com restrições fonológicas bem mais limitadas. O efeito do contexto precedente, que pode parecer fonológico, nós interpretamos como sendo devido, de fato, ao caso único do verbo *pôr*. Isso deixa um só efeito de natureza fonológica atuando na regra de apagamento nos verbos: a extensão do vocábulo, segundo a qual os monossílabos conservam mais o *r*.

A falta de efeitos fonológicos significativos na omissão do *r* final em verbos sustenta a hipótese de que aqui se trata de um processo morfológico: um reestruturamento da morfologia verbal, em que o infinitivo é marcado apenas pela vogal temática tônica, e a forma subjacente normalmente não tem o sufixo *-r*. Tal processo, operando em um nível paradigmático, não necessariamente faria referência a contextos puramente fonológicos, o que é evidente em nossos resultados para verbos, e que distingue estes dos resultados para não-verbos, mais fortemente restringidos pela fonologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo procurou levantar as diferentes variantes do *r* pós-vocálico utilizadas na cidade de Porto Alegre como base para investigar em que situações esse segmento é omitido na fala. Para realizá-lo, trabalhamos com um *corpus* de 24 informantes extraído do Projeto Variação Lingüística Urbana na Região Sul – VARSUL. Foram analisadas variáveis lingüísticas e sociolingüísticas que julgávamos relevantes no processo de apagamento do *r*, bem como na escolha dos falantes por uma ou outra das variantes do *r* pós-vocálico existentes no dialeto dessa localidade. Desse modo, tratamos o objeto de nossa pesquisa como um caso de variação lingüística, sob a ótica da sociolingüística variacionista laboviana.

Entre nossas hipóteses principais, esperávamos que o apagamento do *r* pós-vocálico fosse um exemplo de mudança em progresso, e que esse fenômeno estivesse fortemente associado à morfologia. Em se tratando de um fenômeno de mudança, supúnhamos haver influência marcante dos condicionadores sociolingüísticos considerados, sobretudo dos fatores idade e sexo.

O corpo deste trabalho constituiu-se de três capítulos. No primeiro deles, expusemos nosso referencial teórico, apresentando pesquisas já desenvolvidas sobre o mesmo assunto, a partir do qual pudemos constituir nosso suporte metodológico, exposto no segundo capítulo. No terceiro e último capítulo, apresentamos e discutimos nossos resultados estatísticos, observando a validade de nossas hipóteses.

Nossa análise tanto da realização do *r* pós-vocálico quanto da sua manutenção ou queda foi feita, primeiramente, separando-se o contexto de interior e de final de palavra, tendo em vista evidentes diferenças quantitativas. Posteriormente, ao tratar do apagamento do *r* pós-vocálico em final de palavra, fizemos uma análise separada para verbos e não-verbos, pois, de acordo com nossas hipóteses iniciais, acreditávamos estar diante de processos distintos – um ocorrendo na classe dos verbos, outro ocorrendo nas demais categorias morfológicas.

A partir de nossa análise dos resultados, deparamo-nos com questões a respeito da realização e do apagamento do *r* pós-vocálico que merecem destaque. Em primeiro lugar, salientamos o expressivo predomínio do tepe, em posição pós-vocálica, no dialeto de Porto Alegre, ao contrário do que se verifica em outras capitais, como Rio de Janeiro e Belo Horizonte, em que predominam variantes posteriores. Assim, podemos afirmar que em Porto Alegre não está ocorrendo o processo de posteriorização da vibrante, quando esta se encontra em posição pós-vocálica, verificada por Camara Jr. (1977) para outras localidades do Brasil. Há, sim, enfraquecimento, denotado pela preferência ao uso do tepe.

Outro resultado digno de nota é a grande diferença de taxa de apagamento do *r* pós-vocálico em interior e em final de vocábulo. Percebemos que em interior de palavra o *r* raramente é omitido, enquanto no final o apagamento é bem mais expressivo. Deve-se ressaltar, porém, que o apagamento em contexto final está evidentemente associado à classe dos verbos, que tiveram um índice de 96% de apagamento, contra apenas 8% das demais categorias morfológicas. Inclusive, todas as categorias de não-verbos, analisadas isoladamente (substantivos, adjetivos, preposição, etc.), apresentaram baixa porcentagem de apagamento, o que reforça o papel “inovador” dos verbos.

Embora nossos resultados para verbos não sejam uma novidade, visto que outros autores já haviam encontrado números semelhantes aos nossos, eles vão ao encontro de nossa hipótese inicial de que o fenômeno de apagamento do *r* pós-vocálico em verbos é diferente do que ocorre em interior de palavra. Assim, a grande diferença entre verbos e não-verbos torna improvável a idéia de que exista um único processo fonológico atuando no apagamento do *r*.

Outro aspecto interessante em nosso estudo foi a seleção, pelo programa VARBRUL, das variáveis idade, sexo e classe social como significativas para o apagamento do *r* pós-vocálico em verbos, o que demonstra a importância dos fatores externos na análise lingüística. A maior probabilidade de apagamento da vibrante pelos informantes mais jovens corresponde ao que diz Labov (1966) sobre mudança lingüística em andamento. Além disso, a maior adesão à regra inovadora pelas mulheres reforça a hipótese de existir um processo de mudança em curso, de acordo com Guy (2001). Por sua vez, a variável classe social indicou que o

apagamento do *r* pós-vocálico em verbos não é uma variante estigmatizada, tendo em vista que as classes sociais mais altas aplicam amplamente essa regra. Além disso, o fato de a classe social intermediária B evitar o apagamento pode ser um indício de hipercorreção – como também verificou Oliveira (1983) para a comunidade de fala de Belo Horizonte –, indicando que indivíduos de classe média tendem a fazer uso de variantes de prestígio para adquirirem *status* na sociedade. Não podemos deixar de lembrar, no entanto, uma das limitações do nosso trabalho, relativa à variável classe social: o fato de não termos igual número de informantes para todas as classes (e, inclusive, de termos um número muito restrito de informantes na classe D, em comparação às demais), o que nos sugere cautela na interpretação dos resultados para essa variável. Não é possível tentar generalizações sobre toda uma camada da sociedade contando com apenas dois informantes, como é o caso da classe D. Nesse caso, só a ampliação da amostra poderia auxiliar.

Ressaltamos, também, que os fatores condicionadores do apagamento do *r* em final de vocábulo nos indicam, como supúnhamos, estarmos diante de dois fenômenos distintos. Na análise de não-verbos, notamos a influência de fatores fonológicos, influência essa bastante restrita no que diz respeito aos verbos. Essa falta de motivação fonológica na regra de apagamento do *r* final em verbos parece indicar que, nesse caso, estamos diante de um fenômeno associado à classe morfológica da palavra em que se encontra o segmento vibrante.

Julgamos importante, ainda, destacar outras limitações do nosso trabalho. A primeira delas diz respeito ao estudo do apagamento do *r* em interior de vocábulo, que, embora não tenhamos enfatizado devido ao pequeno número de dados nesse contexto, reconhecemos merecer uma análise mais cautelosa, com uma amostra ampliada, envolvendo informantes com terceiro grau e, se possível, analfabetos. A propósito, um estudo abrangendo novos graus de instrução permitiria investigar mais criteriosamente o papel da escolaridade, que preterimos em favor da variável classe social, cujos resultados foram mais significativos. Seria necessário, também, buscar uma nova base para definir classe social, de modo que essa variável não incluísse escolaridade e, conseqüentemente, não impedisse a testagem simultânea de ambas.

Outra análise interessante seria de variação estilística, que trataria com mais precisão a questão de estigma e prestígio. Poderíamos verificar, por exemplo, se dentro de cada entrevista haveria diferentes estilos de conversa, relacionados aos vários tópicos introduzidos pelo entrevistador, e se esses diferentes estilos teriam alguma relação com o fenômeno de apagamento do *r* pós-vocálico.

Além de reconhecer algumas das limitações do nosso trabalho, gostaríamos de chamar a atenção para algumas questões que podem ser levantadas ao término desse estudo. Podemos, por exemplo, averiguar se existe alguma relação entre o apagamento do *r* e o apagamento do *s* em final de palavra – seja como morfema de segunda pessoa no verbo, seja como morfema de número no nome. Caso haja, podemos nos questionar sobre a natureza desses processos, sobre as escolhas lingüísticas dos informantes envolvidos no estudo e ainda sobre as características do português falado no Brasil e, em particular, no Sul.

Outra pergunta importante diz respeito ao processo de mudança que o apagamento do *r* pós-vocálico parece indicar. Com índices tão elevados de apagamento como encontramos nos verbos, ainda convém falar em mudança em curso ou se pode admitir que o processo de mudança já se completou? Talvez a resposta a essa pergunta dependa de um estudo de variação estilística, ou, quem sabe, de um estudo da linguagem da criança. Neste último caso, caberia investigar qual é a configuração inicial do *r* na fala infantil – com ou sem *r*. Em outras palavras, deveríamos observar se a criança adquire as formas de infinitivo sem o *r* e, posteriormente, aprende a inseri-lo ou vice-versa, lembrando que há, também, a possibilidade de a criança reconhecer simultaneamente as duas realizações.

Por fim, gostaríamos de levantar, ainda, uma questão a respeito da configuração do fenômeno de apagamento do *r* pós-vocálico em outras comunidades de fala do Rio Grande do Sul. Pode esse fenômeno se apresentar de forma distinta do que verificamos em Porto Alegre em outras localidades do estado? Será que a influência de uma segunda língua, falada em certas cidades, não interferiria nos resultados estatísticos? Para responder a essas perguntas, poderíamos incluir, em um estudo futuro, as demais localidades que compõem o Banco de dados VARSUL; além disso, para tornar a comparação ainda mais ampla, seria conveniente

buscar informações em outros bancos de dados do estado, tais como os do projeto ALERS (*Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil*) e BDS – Pampa (*Banco de Dados Sociolingüísticos da Fronteira e da Campanha Gaúcha*). Acreditamos que essas informações seriam valiosas para que se tivesse uma visão bem mais abrangente do fenômeno estudado, permitindo que se fizesse um mapeamento do apagamento do *r* pós-vocálico em todo o estado do Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, A. *O dialeto Caipira*. São Paulo: Anhembi, 1955.
- BISOL, L. *Harmonização vocálica: uma regra variável*. (Tese de doutorado) Rio de Janeiro: UFRJ, 1981.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *O debate sobre a aplicação da sociolinguística à educação*. In: Simpósio nacional sobre pesquisa e ensino da língua. Rio de Janeiro: Timing Editora – UFRJ, Curso de pós-graduação em Letras Vernáculas: CNPQ, 1996.
- BUENO, F. S. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. São Paulo: Livraria Acadêmica, 1944.
- CAGLIARI, L.C. *Elementos de fonética do Português Brasileiro*. (Tese de Doutorado) Campinas: UNICAMP, 1981.
- CALLOU, D. LEITE, Y; MORAES, J. A. *Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil*. In: Gramática do português falado. Campinas: editora da Unicamp, vol.VI, p. 465-490, 1996.
- CALLOU, D; LEITE, Y; MORAES, J. A. *Apagamento do R final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real*. DELTA, v. 14, p.61-72, 1998.
- CAMARA Jr., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- _____. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

- CEDERGREN, H. *The interplay of social and linguistic factors in Panama*. PhD dissertation. Cornell University, 1973.
- CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic theory*. Cambridge, Blackwell Publishers, 1995.
- COULTHARD, M. *Linguagem e sexo*. São Paulo: Ática, 1991. (Série Princípios)
- COUTINHO, I. L. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- CUNHA, C. *Uma política do idioma*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1964.
- ECKERT, P. *The whole woman: Sex and gender differences in variation*. In: COUPLAND, N. & JAWORSKI, A. *Sociolinguistics – reader and coursebook*. London: Macmillan, 1997. p. 212-228.
- FRONTEIRAS. Revista do CPERS/Sindicato e da ADUFRGS – junho de 1999 – número 17.
- GUY, G. R. *Variation in the group and the individual: the case of final stop deletion*. In: LABOV, W. (ed) *Locating variation in time and space*. New York: Academic Press, 1980.
- _____. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax and language history*. Sydney: Sydney University, Department of Linguistics (tese de doutorado), 1981.
- _____. *et al. An intonational change in progress in Australian English*. *Language in Society*, 15: p. 23-51, 1986.

- _____. *The quantitative analysis of linguistic variation*. In: PRESTON, D. R. (ed.) *American Dialect Research*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Co., 1993. p. 223-249.
- _____. & BOBERG, C. *Inherent variability and the obligatory contour principle*. *Language variation and change* 9, 149 – 164, 1997.
- _____. *Variationist approaches to phonological change*. In: *Handbook of Historical Linguistics*, B. Joseph and R. Janda (eds.), 2001.
- HAERI, N. *Why do women do this? Sex and gender differences in speech*. In: G. R. Guy *et al.*, eds., 161 – 172, 1996.
- JUCÁ FILHO, C. *A pronúncia brasileira*. Rio de Janeiro, s.n., 1939.
- KROCH, A. S. *Toward a theory of social dialect variation*. *Language & Society*. N. 7, p. 17 – 36, 1978.
- LEMLE, M. *Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa*. In: *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, abril-setembro de 1978, (53-54): 60-94.
- LABOV, W. *The social stratification of English in New York city*. Washington: Center of Applied Linguistics, 1966.
- _____. *Modelos Sociolingüísticos*. Madri: Ediciones Cátedra, S. A., 1983.
- _____. *The intersection of sex and social class in the course of linguistic change*. *Language variation and change* 2: 205 – 254, 1990.

- _____. *Principles of linguistic change*. Cambridge: Blackwell, 1994.
- MALBERG, Bertil. *A fonética*. Lisboa: Livros do Brasil, 1954.
- MANUAL DO USUÁRIO DO BANCO DE DADOS LINGÜÍSTICOS VARSUL. (organização e redação final de Clarice Bohn Knies e Iara Bernquerer Costa): mimeo.
- MARQUARDT, L. *A vibrante no Rio Grande do Sul: uma análise computacional*. (Dissertação de Mestrado) Porto Alegre: PUCRS, 1977.
- MARROQUIM, M. *A língua do Nordeste*. São Paulo: Nacional, 1945.
- MATTOS E SILVA, R. M. *O português arcaico – fonologia*. São Paulo, Contexto, 1991.
- MILROY, L. *Language and social networks*. Oxford: Basil Blackwell, 1980.
- MOLLICA, M. C. (org.) *Introdução à sociolinguística variacionista*. Cadernos didáticos UFRJ. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.
- MONARETTO, V. O. *A vibrante: representação e análise sociolinguística*. (Dissertação de Mestrado) Porto Alegre: UFRGS, 1992.
- _____. *Um reestudo da vibrante: análise variacionista e fonológica*. (Tese de Doutorado) Porto Alegre: PUCRS, 1997.
- _____. *O apagamento da vibrante pós-vocálica nas capitais do Sul do Brasil*. Letras de hoje, Porto Alegre: Vol. 35, n.1, 275-284, 2000.
- NARO, A. *Modelos quantitativos e tratamento estatístico*. Cadernos didáticos UFRJ. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.

- NASCENTES, A. *O idioma nacional*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1960.
- OLIVEIRA, M. A. *Phonological variation and change in brazilian portuguese: the case of the liquids*. (Tese de doutorado). University of Pennsylvania, 1983.
- PAIVA, M. C. *Nova abordagem de velhos fenômenos*. In: Boletim da ABRALIN n. 15 (Mesa Redonda), p. 262-267, 1996.
- PESAVENTO, S. J. *Origens históricas de Porto Alegre*. Revista da AEBA, Porto Alegre, v.1, n.1, p.28 – 29, 1989/1990.
- PINTZUK, S. *VARBRUL programs*. 1998, mimeo.
- ROUSSEAU, P; SANKOFF, D. *Advances in variable rule methodology*. In: SANKOFF, D. (ed.). *Linguistic Variation: models and methods*. New York, Academic Press, 1978.
- SANKOFF, D. *VARBRUL programs*. 1986, mimeo.
- SCHERRE, M. M. P. *Introdução ao VARBRUL versão 1988*. 1992. Mimeo.
- SOARES, M. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. São Paulo: Ática, 1986.
- TARALLO, F. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1990. (Série Princípios)
- _____. *Tempos Lingüísticos – itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1994.
- TEYSSIER, P. *História da Língua Portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez, 1998.

VASCONCELLOS, J. L. *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. Lisboa: Centro de estudos filológicos, 1970.

VOTRE, Sebastião J. *Aspectos de variação fonológica na fala do Rio de Janeiro*. (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: PUC, 1978.

Anexo 1

Distribuição dos ocupados por faixa salarial e por renda média no Brasil

| Faixa salarial | Ocupados (número) | Ocupados (%) | Renda média (R\$) |
|---------------------|-------------------|--------------|-------------------|
| Até ½ sal. mínimo | 4.343.918 | 6,3 | 41,00 |
| De ½ até 1 salário | 10.352.181 | 14,9 | 107,00 |
| De 1 a 2 salários | 12.938.053 | 18,7 | 187,00 |
| De 2 a 3 salários | 9.360.382 | 13,9 | 301,00 |
| De 3 a 5 salários | 9.818.182 | 14,2 | 482,00 |
| De 5 a 10 salários | 6.959.214 | 10,0 | 883,00 |
| De 10 a 20 salários | 3.105.557 | 4,5 | 1.698,00 |
| Mais de 20 salários | 1.857.294 | 2,7 | 4.295,00 |
| Sem rendimento | 9.479.979 | 13,7 | |
| Total | 69.331.507 | 100% | 449,00 |

*Sem rendimentos – trabalhadores geralmente vinculados a atividades de natureza familiar

Fonte: *Elaboração Desep/CUT a partir da PNAD/IBGE – junho de 1999.*

Anexo 2

Socioeconomic index for 40 Canadian occupations (from Blishen 1971:499-504)

| Occupation | Index | Occupation | Index |
|-----------------------------------------|-------|-----------------------------------------|-------|
| Lawyers and notaries | 75.41 | Baggagemen, transport | 34.85 |
| Biological scientists | 73.22 | Logging foremen | 34.61 |
| Osteopaths and chiropractors | 70.25 | Switchmen and signalmen | 33.76 |
| Advertising managers | 66.05 | Boiler-makers and platers | 32.93 |
| Authors, editors, journalists | 64.23 | Bus drivers | 31.86 |
| Credit managers | 60.81 | Crushers, millers-chemical | 31.12 |
| Clergymen and priests | 59.20 | Labourers, primary metal | |
| Social welfare workers | 55.62 | industries | 30.68 |
| Artists commercial | 54.06 | Waiters | 30.47 |
| Teachers and instructors | 52.07 | Taxi drivers and chauffeurs | 30.07 |
| Funeral directors and embalmers | 49.47 | Attendats, recreation/ amusement | 29.92 |
| Batch and continuous still operators | 47.60 | Fruit, vegetable canners and packers | 29.60 |
| Foremen, paper and allied Industries | 45.36 | Truck drivers | 29.31 |
| Interior decorators window- dressers | 44.37 | Launderers and dry cleaners | 28.93 |
| Mechanics and repairmen, aircraft | 42.76 | Woodworking occupations, n.e.s. | 28.56 |
| Electricians and wiremen | 40.68 | Janitors and cleaners, building | 28.22 |
| Engineering officers, ships | 39.86 | Shoemakers and repairers in shops | 27.87 |
| Pressmen, printing | 39.49 | Carders, combers, fibre-preparers | 27.37 |
| General foremen, construction | 37.90 | Weavers | 26.77 |
| Sales clerks | 37.14 | Trappers and hunters | 25.36 |
| Firemen, policemen, watchmen | 35.80 | | |

Fonte: Chambers, J. K. Sociolinguistic Theory (1995) p. 42

Anexo 3

Arquivo de especificação de fatores

Realização do *r* pós-vocálico em Porto Alegre

11

d

variável 1: variável dependente

1 – realização

0 – não-realização

10

nil

variável 2: tipo de *r*

r – tepe

R – retroflexo

- vibrante

n – ausência de *r*

x – fricativa velar

rR#nx

nil

variável 3: contexto precedente

a – vogal a

& - vogal /eh/

e – vogal e

i – vogal i

o – vogal o

* - vogal /oh/

u – vogal u

a&eio*u

nil

variável 4: contexto seguinte

a

&

e

i

o

*

u

b

d

f
g
j
q (para fonema /k/)
l
m
n
p
s
t
v
x
z
- pausa
a&eio*ubdfgjqlmnpstvxz#
nil

variável 5: classe morfológica

d – advérbio
a – sufixo ar
o – sufixo or
s – substantivo
f – verbo no futuro do subjuntivo
i – infinitivo
j – adjetivo
n – pronome
p – preposição
v – outros verbos
q – querer
c – porque
y – conjunção
u – numeral
e – por exemplo
k – qualquer
daosfijnpvqcyuek
nil

variável 6: tonicidade

1 – monossilábica átona
2 – monossilábica tônica
3 – sílaba acentuada em palavra polissilábica
4 – sílaba não-acentuada em palavra polissilábica
1234
nil

variável 7 : posição morfológica

f – final

i – interno

fi

nil

variável 8: sexo

h – homem

m – mulher

hm

nil

variável 9: idade

+ - mais de 50 anos

- - menos de 50 anos

+-

nil

variável 10: escolaridade

p – primário

g – ginásio

s – segundo grau

pgs

nil

variável 11: classe social

A – classe A

B – classe B

C – classe C

D – classe D

ABCD

nil

Anexo 4

Distribuição percentual das realizações do *r* pós-vocálico no conjunto dos dados (6.474 dados), sem subdividir segundo a posição (interior x final)

| | N | % |
|-----------------|-------|------|
| Tepe | 3.074 | 47,5 |
| Vibrante | 59 | 0,9 |
| Retroflexo | 58 | 0,9 |
| Fricativa velar | 75 | 1,2 |
| Apagamento | 3.208 | 49,5 |
| Total | 6.474 | 100 |

Anexo 5

Distribuição percentual das realizações do *r* pós-vocálico em interior de vocábulo

| | N | % |
|-----------------|-------|------|
| Tepe | 2.200 | 85 |
| Vibrante | 27 | 1,0 |
| Retroflexo | 29 | 1,1 |
| Fricativa velar | 60 | 2,3 |
| Apagamento | 274 | 10,6 |
| Total | 2.590 | 100 |

Anexo 6

Distribuição percentual das realizações do *r* pós-vocálico em final de vocábulo

| | N | % |
|-----------------|-------|------|
| Tepe | 874 | 22,5 |
| Vibrante | 32 | 0,8 |
| Retroflexo | 29 | 0,8 |
| Fricativa velar | 15 | 0,4 |
| Apagamento | 2.934 | 75,5 |
| Total | 3.884 | 100 |